

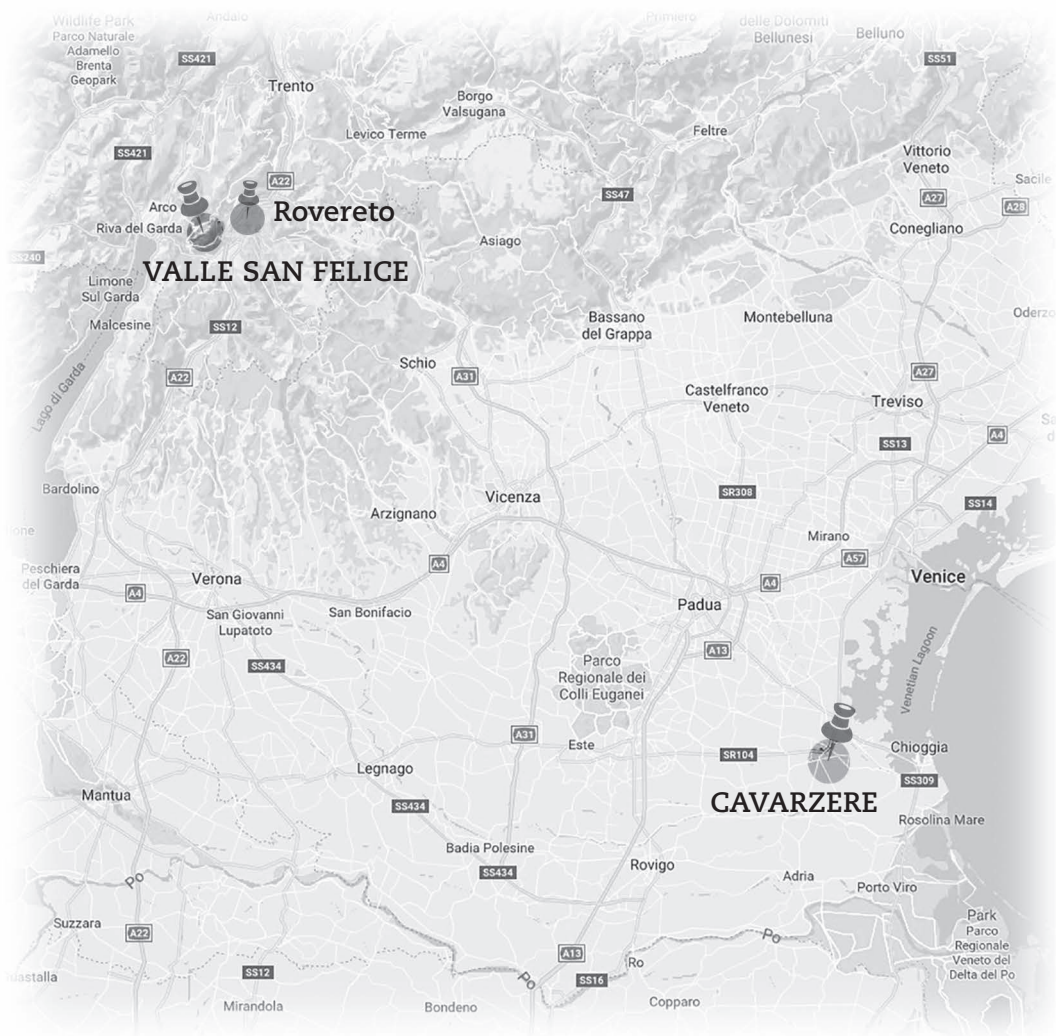


A HISTÓRIA DOS FERRARESE

WILHAN SANTIN

SILVANDIRA FERRARESE DE ALMEIDA | ALDERI LUIZ FERRARESE
REVISÃO HISTÓRICA

A HISTÓRIA DOS FERRARESE



VALLE SAN FELICE

Rovereto

CAVARZERE

A HISTÓRIA DOS FERRARESE

Wilhan Santin

Silvandra Ferraresi de Almeida e Alderi Luiz Ferraresi

REVISÃO HISTÓRICA

Marcio Almeida

IDEALIZAÇÃO E COORDENAÇÃO

Copyright © 2018 Wilhan Santin

ISBN 978-85-922249-3-6

Londrina - 2018

1ª Edição

Edição do autor

PESQUISA E TEXTO

Wilhan Santin

REVISÃO HISTÓRICA E ARQUIVO FOTOGRÁFICO

Silvandira Ferraresi de Almeida e Alderi Luiz Ferraresi

IDEALIZAÇÃO E COORDENAÇÃO

Marcio Almeida

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO

Visualità Gestão em Design Gráfico

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Bibliotecária Zoraide Gasparini CRB/91529

S227h SANTIN, Wilhan
A história dos Ferrarese / Wilhan Santin. -- Londrina:
Midiograf, 2018
130 p.: il.; 23 X17 cm.

ISBN 978-85-922249-3-6

1. Crônica brasileira. 2. Pioneiro – Londrina - PR. 3. Família Ferrarese.
4. Imigrante italiano. I. Título.

CDD: B869.45

NOTA DO AUTOR	7
AGRADECIMENTOS	9
INTRODUÇÃO: UMA CRÔNICA LONDRINENSE	11
1. Missão no Império da Etiópia	15
2. Destino: Brasil	21
3. A família cresce em uma nova terra	27
4. A felicidade no sobradão	31
5. Ideias de mudanças	35
6. O Norte do Paraná	39
7. Guerra, privações e trabalho	45
8. Desbravando Marrecas	51
9. Da madeira para o café	57
10. Spartaco põe um Studebaker na praça	63
11. Remo desbrava uma nova terra	69
12. O adeus de Primo	75
13. Conexão Londrina-Umuarama	79
14. Os anos 1960	83
15. A grande mudança do Norte do Paraná	91
16. Adeus, senhores pioneiros	95
17. Valle San Felice	99
18. Cavarzere	103
19. Emma Cimonetti Ferrarese, a “nonna”	107
20. Encontros	113
POSFÁCIO	117
BIBLIOGRAFIA	124

N O T A D O A U T O R

Este livro resgata a história da Família Ferrarese, uma entre as centenas de milhares que deixaram a Itália e ajudaram a construir o Brasil.

Para colocarmos no papel a saga dessa família, recorreremos a livros, documentos históricos e, sobretudo, a fotografias do arquivo de Silvandira, filha de Remo Ferrarese; e Alderi, filho de Spartaco Ferrarese.

As imagens eternizadas foram fundamentais para reavivar a memória, reconstruir fatos, sanar dúvidas.

De maneira que temos em mãos o que podemos chamar de “fotos-memórias”, conforme idealizou Marcio Almeida, filho de Silvandira, quando começamos o projeto em 2017.

Remo e Spartaco foram pioneiros de Londrina. Chegaram à cidade na década de 1930, fundaram uma serraria, produziram madeira beneficiada para que casas, estabelecimentos comerciais e sonhos fossem colocados em pé.

Depois, na década de 1940, fundaram o vilarejo de Marrecas, que viria a se tornar Irerê, distrito de Londrina.

Esta obra é um registro de trabalho, esforço, suor, convívio familiar. Nas páginas que seguem, os Ferrarese nos guiarão pela história da imigração italiana, pelo Brasil do início do século 20 e pelo surgimento do Norte do Paraná.

E já deixamos aqui a nossa primeira foto. É de 1947 e mostra Silvandira, moça, com o menino Alderi. Ambos estão ao lado do avô, Primo, sobrevivente da “Primeira Guerra Ítalo-Etíope” e personagem fundamental dessa saga italiana.



A G R A D E C I M E N T O S

Este livro não existiria sem o empenho de Marcio Almeida, que o idealizou e juntou todos os que nele trabalharam; sem a paciência, o carinho e a dedicação de Silvandira Ferraresi de Almeida, que, chegando aos 90 anos de idade, tem memória e empolgação de menina; e Alderi Luiz Ferraresi, dono de um arquivo muito organizado, além de ser um apaixonado pela história de sua família e um colaborador de gentileza ímpar.

Deixamos o nosso abraço para todos do Museu Histórico de Londrina e do Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa em História da Educação da Universidade São Francisco, de Bragança Paulista.

E registramos o reconhecimento ao senhor Armando de Mattos Sabino, pioneiro de Irerê, e a Yolanda Ferrarese (*in memorian*). Irmã de Remo e Spartaco, ela deixou um excelente depoimento, gravado em áudio, por iniciativa de Walter Ferrarese, contando detalhes importantes da história da família.

Finalmente, agradecemos a todos que contribuíram com fotos, lembranças, menções.

Muito obrigado.

I N T R O D U Ç Ã O

UMA CRÔNICA LONDRINENSE

Na Zona Norte da cidade de Londrina, a Rua Remo Ferrarese começa na principal avenida, a Saul Elkind. No entroncamento entre as duas vias, em uma das esquinas está a filial de uma loja de móveis e eletrodomésticos. Do outro lado, há uma barraca de pastéis.

A loja, Móveis Brasília, apesar de ter “móveis” no nome, é agora também grande vendedora de aparelhos de telefones celulares, a evidenciar o tempo de comunicação fácil e cada vez mais acessível.

A barraca de pastéis, do outro lado, é um símbolo da simplicidade e da tradição, que ainda encontram lugar na avenida agitada e barulhenta.

A Rua Remo Ferrarese parte da Saul Elkind, o espigão da região, e desce em direção a um vale. Os britânicos, que colonizaram o Norte do Paraná, vendiam lotes que tinham sempre frente para um espigão, para facilitar a abertura de uma estrada ou carreador, e fundo para um vale, um curso d'água, recurso valioso em uma propriedade rural.

Até a década de 1980, os bairros pelos quais a rua passa não existiam. Os londrinenses costumam chamar o lugar de “Cinco

Conjuntos”. É uma referência aos primeiros cinco núcleos de habitações populares que surgiram por ali, servindo como moradia para homens e mulheres vítimas do êxodo rural, que fez os trabalhadores saírem do campo e irem para as cidades na década de 1970, sobretudo depois de uma geada que dizimou os cafezais do Norte do Paraná em julho de 1975, substituindo os cafeeiros por culturas favoráveis à mecanização, como soja, milho e trigo.

Em 2010, o Censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) contou 126.305 moradores naquela região da cidade. E os conjuntos já são muito mais do que cinco.

Numa pacata tarde de quarta-feira, um rapaz vai descendo a rua. Anda e olha para o celular ao mesmo tempo. Está tão distraído com o que vê na telinha de cinco polegadas que leva um susto quando o autor deste livro para o carro e lhe faz uma pergunta.

- Você sabe quem foi Remo Ferrarese?

O garoto se chama Richarlysson. Tem 17 anos e já concluiu o Ensino Médio. Ele responde:

- Só sei que é o nome desta rua. Deve ter sido alguém muito importante. Mas não sei o que ele fez. Só acho estranho alguém se chamar Remo!

Pertinho dali está a Rua Spartaco Ferrarese, que é perpendicular e não chega a se encontrar com a Remo Ferrarese. Uma pena. Os dois eram irmãos e seria uma homenagem até mais simbólica se as vias se encontrassem.

A Spartaco Ferraresi é uma rua de duas quadras, sem casas. É margeada de um lado pelos muros dos fundos de dois condomínios de prédios e do outro por um terreno sem construção, um campo de futebol e uma pista de skate.

Na mesma quarta-feira, um avô levou o neto para brincar no campo de futebol. O menino tem cinco anos. Gabriel é o nome dele. O avô se chama Hélio, 62 anos. Questionado se sabe quem foi Spartaco Ferrarese, ele para, fica pensando, tentando puxar pela memória, até falar:

- Deve ter sido um político importante, né?

Diante da negativa do autor, ele quer saber então o que o homem fez para merecer ser nome de rua. Morador antigo do bairro, está curioso, pois já percebeu que tem mais um Ferrarese também homenageado em outra rua ali pertinho.

- Eles foram pioneiros, seu Hélio.

O homem abre um sorriso de satisfação. Gabriel parou de chutar a bola e está ao lado, ouvindo a conversa dos dois adultos. E quer saber:

- O que é pioneiro, vô?

Hélio é pedreiro aposentado e construiu mais de centena de casas e apartamentos. Viu a cidade crescer. Responde com certo entusiasmo:

- Pioneiro, meu neto, é alguém muito mais importante do que qualquer político.

Ele tem razão. Até 1929, as terras onde hoje estão Londrina e dezenas de cidades do Norte do Paraná eram cobertas por densa floresta do bioma da Mata Atlântica. Moravam por ali os índios, alguns posseiros e raros agricultores.

Um projeto colonizador da Companhia de Terras Norte do Paraná (CTNP), de capital britânico, loteou 515.017 alqueires ou 1,2 milhão de hectares¹, vendendo lotes para gente disposta a derrubar a mata, levantar casas, tentar prosperar.

Quase 90 anos depois da chegada da primeira caravana de desbravadores da CTNP, Londrina tem, segundo o IBGE, 553.393 habitantes. É um caso raro de tamanho crescimento em tão pouco tempo.

Remo e Spartaco estão entre os homens que ajudaram a impulsionar a cidade. Tiveram a coragem e o ímpeto de largar uma oficina de marcenaria já estabelecida em Bragança Paulista (SP) para se aventurar a abrir uma serraria na Londrina ainda precária de recursos da década de 1930.

Mas eles não foram os únicos Ferrarese a participarem da construção de Londrina. Nos primeiros anos tiveram a ajuda dos irmãos Romão, Aldo e Armanda. E vieram também os pais, Primo e Emma, para morar por algum tempo na terra vermelha.

Porém, a herança mais importante que deixaram foi a vasta descendência de Ferrarese, Ferraresi ou Ferrarezi, conforme a conveniência dos cartorários, no Norte do Paraná. Filhos, netos, bisnetos e trinetos de Remo e Spartaco continuam construindo a riqueza da região.

Toda esta saga, começou no Norte da Itália, terra natal de Primo, Emma e Remo. Também nasceram por lá outros dois filhos do casal: Rômulo e Yolanda. Spartaco nasceu no Brasil. E nós vamos contá-la neste livro, que tem a pretensão de ser mais um documento sobre a história do Norte do Paraná e da imigração italiana.

Boa leitura. O autor.



Placa que identifica a Rua Remo Ferrarese, em Londrina, Norte do Paraná.



Rua Spartaco Ferraresi

1 – Widson Schwartz – Londrina 80 anos – Midiograf, 2014.

1. MISSÃO NO IMPÉRIO DA ETIÓPIA

No final do século 19, a situação política da Itália era muito conturbada. Uma monarquia parlamentarista, o país vivia o reinado de Humberto I e estava sob a administração do primeiro-ministro Francesco Crispi (1818-1901), considerado por vários historiadores italianos como “a personalidade política mais importante daquele tempo”. Um período de incertezas.

Crispi teve dois mandatos, 1887-1891 e 1893-1896, nos quais pouco tempo dedicou à economia italiana. Ele tinha verdadeira fixação por assuntos bélicos e declarava-se inimigo da França. Tanto que o valor do comércio entre a França e a Itália caiu de uma média anual de 444 milhões de liras entre 1881 e 1887 para 165 milhões de liras nos anos de 1888 e 1889¹.

Sob a justificativa de uma iminente invasão francesa, o primeiro-ministro intensificou os gastos militares e fazia discursos focados na necessidade de combater o socialismo que, segundo ele, poderia se instalar na Itália.

Acusado de participar de esquemas de corrupção, Crispi suspendeu o parlamento e passou a governar, em 1895, de forma autoritária, por decreto.

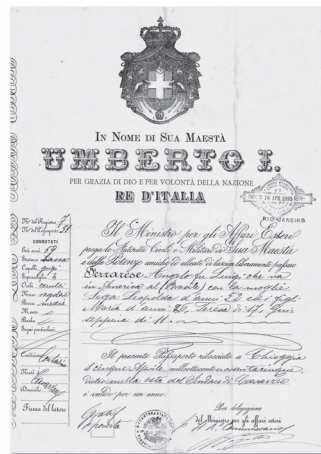
A condução desastrosa da economia por parte do governo, aliada a outros fatores, como a recente unificação do país, ocorrida entre as décadas de 1850 e 1870, produziram um cenário muito favorável à emigração.

Dados de 1871 mostram que um terço do total de 27 milhões de italianos tinha menos de 15 anos de idade, o que revela que as famílias tinham muitos filhos. A taxa de mortalidade infantil era altíssima, beirando os 25%. E quase 60% da população dependia diretamente da agricultura¹.

O governo passou a incentivar a saída de seus cidadãos, percebendo que isso diminuía a quantidade de desempregados e até gerava divisas, com o dinheiro que os emigrantes mandavam para os familiares que permaneciam.

Entre 1870 e 1920, mais de 17 milhões de italianos deixaram o país². Alguns apenas por um tempo, outros para sempre.

Entre essa massa de emigrantes, estava uma família de Cavarzere, lugarejo no Norte da Itália, perto de Veneza. Ângelo Ferrarese, 59 anos, açougueiro, segundo seus documentos; e Leopolda Segá, 49, embarcaram com um filho, uma nora, um neto e três filhas, no dia 18 de abril de 1895, no porto de Gênova.



Passaporte de Ângelo Ferrarese
(05/04/1895)

Era uma característica entre os emigrantes que partiam daquela região da Itália, o Vêneto, levar a família e o desejo de comprar terras e permanecer para sempre em outro país. Já emigrantes de outras regiões italianas, muitas vezes, tinham a intenção de ganhar dinheiro em outras terras e voltar a viver no lugar natal. Por isso, não levavam a família.

Mais de 70% dos italianos que emigraram entre 1887 e 1895 saíram do Norte do país⁴, justamente o caso da família de Ângelo Ferrarese.

Depois de 23 dias navegando para cruzar o Atlântico, o vapor Raggio chegou ao Rio de Janeiro, onde os Ferrarese passaram cinco dias em uma hospedaria de imigrantes antes de voltar ao navio para concluir a viagem até o Porto de Santos.

Dali, partiram para Bragança Paulista, na região de Campinas, no Estado de São Paulo, onde se estabeleceriam.

Enquanto Ângelo, Leopolda e os outros membros da família viajavam para o Brasil, Primo Ferrarese, o quarto dos oito filhos do casal, nascido em 1º de janeiro de 1875 – daí o nome Primo -, servia aos interesses bélicos de Crispi, cumprindo o serviço militar obrigatório, que culminaria em uma missão na África.

Diante de todas as dificuldades pelas quais passava a Itália, o primeiro-ministro julgou que uma vitória em uma guerra faria bem para a sua popularidade. Ao contrário de outras nações europeias, o país não participara do processo de colonização da África e só alguns anos antes havia conseguido territórios naquele continente, conquistando a Eritreia, por meio de tratados, e a Somália, em uma partilha com outras nações europeias.

O Império Etíope, ou Abissínia como preferem alguns autores, era o único território africano que não estava nas mãos de europeus.

E conquistá-lo significaria ampliar o domínio italiano e ainda interligá-lo com os territórios da Eritreia e da Somália, iniciando um certo protagonismo no Leste da África.

Com esse ideal e aproveitando-se de confusos documentos que teriam sido assinados pelo monarca etíope transformando o império africano em protetorado italiano, Crispi enviou exércitos para tomar definitivamente o território, julgando que seria uma vitória fácil.

Porém, a Etiópia era governada por uma série de reis e governantes, cada qual com poderes para chefiar uma província, sob o comando geral de um imperador, no caso Menelik II. E estava preparada para a guerra.

Assim, desenhou-se o que ficou conhecido como a “Primeira Guerra Ítalo-Etíope”.

Menelik conseguiu reunir 100 mil homens para enfrentar os italianos. E comprou armas de fogo de outras nações, dando aos seus súditos mais do que lanças e escudos.

Os combates começaram no final de 1895 e terminaram em março de 1896, na Batalha de Ádua, com os etíopes, em maioria numérica, vencendo os italianos.

Estimativas apontam cinco mil soldados europeus mortos nessa batalha, que ganhou espaço no livro “A história da guerra em 100 batalhas”, do renomado historiador inglês Richard Overy. Ele revela que, anos depois, pesquisadores italianos foram a Ádua e descobriram restos de esqueletos de 3.643 homens³.

Primo Ferrarese foi enviado à Abissínia como soldado. Não se sabe se chegou a participar dos embates em Ádua. Ele nunca gostou de falar sobre o assunto, sempre resumindo somente que participara daquela guerra.

“Papai não tocava no assunto. E, quando perguntávamos, ele

respondia apenas que ficara três anos ‘fazendo o militar’, referindo-se ao serviço militar obrigatório, e que havia sido enviado para a Abissínia. Nada além disso”, explicou Yolanda Ferrarese, filha de Primo, em uma entrevista para o sobrinho Walter Ferrarese, gravada em áudio, em 1991.

A humilhante derrota para os comandados do imperador Menelik II decretou o fim da carreira política de Crispi. E a volta de Primo para casa.

Ao chegar em Cavarzere, porém, momentos que deveriam ser de reencontro e alegria para o rapaz transformaram-se em tristeza. Só então ele ficou sabendo que os pais e uma parte de sua família haviam partido. Ninguém sabia dizer ao certo para onde. A informação mais concreta que recebia era: “foram para a América.”

Os destinos dos emigrantes italianos variavam entre outros países da Europa, Estados Unidos e América do Sul, com destaque para Brasil e Argentina.

Recém-liberado do Exército e sem poder contar com o apoio dos pais, Primo tinha que se arranjar. Foi parar em Verona, a 120 quilômetros de Cavarzere. Por lá se estabeleceu, trabalhando com marcenaria, e conheceu uma moça chamada Emma Cimonetti, nascida em dezembro de 1878.

Ela era de uma pequena comunidade, na região do Trento, a 80 quilômetros dali, Valle San Felice, para onde se mudaram e se casaram, em 11 de outubro de 1902.

A julgar por uma foto da época, Emma era uma moça muito bonita, de olhar sereno, nariz e boca bem-feitos. Primo, embora já afastado da caserna havia seis anos, mantinha um corte de cabelo militar, muito baixo nas laterais e curto no alto da cabeça, além de um vasto bigode, que ele manteria para o resto da vida.



Emma Cimonetti e Primo Ferrarese no dia do
seu casamento (11/10/1902)

-
- 1 – Christopher Duggan - História Concisa da Itália – Editora Edipro, 2016.
 - 2 – Anna Rosa Campagnano Bigazzi – Italianos: História e memória de uma comunidade – Companhia Editora Nacional, 2006.
 - 3 – Anna Rosa Campagnano Bigazzi – Italianos: História e memória de uma comunidade – Companhia Editora Nacional, 2006.
 - 4 – Richard Overly – A história da guerra em 100 batalhas: um panorama impactante dos grandes conflitos armados da humanidade – Publifolha, 2015.

2. DESTINO: BRASIL

A absoluta falta de notícias de seus pais, de seu irmão e de suas irmãs incomodava profundamente Primo. Sentia-se magoado e esquecido. O que ele não sabia é que seu pai, Ângelo, havia morrido no mesmo ano em que chegara ao Brasil, em dezembro de 1895, aos 60 anos, vítima de um problema cardíaco.

Sua mãe, seu irmão e suas irmãs estavam morando em uma fazenda da região de Bragança Paulista, para onde haviam ido como colonos logo que chegaram ao País.

Após a assinatura da Lei Áurea, em maio de 1888, o Brasil intensificara uma política de abertura para a imigração. Precisava de mão de obra. E a propaganda oficial pregava para os interessados em vir a possibilidade de enriquecer, de ter terra própria em um lugar de vastidão territorial e propício à fartura. O governo brasileiro chegava a subsidiar financeiramente a viagem.

Além da Itália, a situação econômica não era boa em outros países

européus, o que provocou um grande fluxo migratório naquele final de século 19 e início de século 20.

Entre 1877 e 1903, em torno de 71 mil imigrantes entraram no Brasil por ano. Mais da metade deles, em torno de 58%, eram italianos. Espanhóis, portugueses, franceses e alemães também formavam colônias numerosas¹. A partir de 1908 chegariam os japoneses.

Para conquistar as desejadas terras, os imigrantes tinham que trabalhar muito, às vezes em regime que se assemelhava à escravidão, sempre tendo mais dívidas com o patrão que os contratara do que dividendos a receber.

A comunicação com quem havia ficado no velho mundo, feita somente por cartas, não era fácil e tinha um custo. Talvez missivas tenham sido enviadas pelos Ferrarese que já estavam no Brasil para Cavarzere e não tenham chegado ao destinatário.

Já casado, Primo pensava em também deixar a Itália. Chegou a ir, sozinho, à Argentina, para ver como era a vida por lá e, certamente, tentar conseguir notícias de sua família. Se muitos italianos haviam chegado ao Brasil no final do século 19, a Argentina tinha recebido ainda mais fugitivos do regime de Crispi.

Porém, ele nada encontrou que o deixasse satisfeito no país platino e voltou para a Itália, onde continuou com a sua marcenaria e carpintaria - sendo admirado pelo trabalho praticamente artístico e artesanal que fazia - e a formar a sua família.

Nas horas de lazer, gostava de dançar. Chegou a participar de um concurso de resistência, que premiaria aquele que fosse capaz de ficar mais tempo bailando de forma ininterrupta. Ganhou. Ficou 12 horas seguidas deslizando no salão ao som de valsas.

Os filhos de Primo e Emma chegaram logo. Em 21 de fevereiro de 1904 nasceu Remo Graziano Ferrarese. Em 18 de novembro de 1905, Rômulo Romano Luigi Ferrarese. Curiosamente, o casal escolheu para os dois primeiros filhos os nomes daqueles que eram considerados, segundo a lenda da mitologia grega, os meninos gêmeos que foram abandonados pela mãe em um rio, amamentados por uma loba e depois, crescidos, fundaram a cidade de Roma.

Essa é a explicação para o nome Remo, que o rapazote morador da cidade de Londrina de 2017 acharia curioso.

Yolanda, a terceira filha do casal, nasceu quase quatro anos depois, em 16 de julho de 1909.

Já com três filhos e após finalmente receber, por meio de um parente, notícias concretas de que o Brasil havia sido o destino de seus pais em 1895, Primo e Emma e tomaram a decisão de também se mudarem para uma nova terra.



Passaporte de Emma Cimonetti (19/03/1911)



Passaporte de Remo Ferrarese (19/03/1911)

No dia 19 de março de 1911, a família foi até o porto de Gênova e embarcou em um navio chamado Regina Elena, com destino ao Brasil. Viagem dura, com Primo, Emma e as crianças ocupando as dependências mais baratas e menos confortáveis, na terceira classe.

Mais tarde, Primo contaria para os filhos e netos: “Viemos de terceira classe porque não havia quarta.”

Para aumentar a dificuldade, Emma já estava grávida do quarto filho, Mafalda, que viria a nascer no Brasil. Os enjoos, que acontecem normalmente nos primeiros meses de gestação, aliados ao balanço do navio faziam com que ela se sentisse muito mal. Mesmo assim, não se deixava abater, procurando transmitir força aos filhos.

A viagem foi demorada, levando quase um mês para que finalmente chegassem ao porto de Santos em 14 de abril de 1911, uma sexta-feira,

feriado da Paixão de Jesus Cristo, que naquele tempo o pessoal costumava chamar também de “sexta-feira maior”.

No tumultuado setor de imigração do porto, pedindo aos funcionários que checassem nos livros sobre outros Ferrarese que haviam chegado em 1895, Primo descobriu que o destino de seus pais fora Bragança Paulista, onde se instalaram em uma fazenda chamada Bocaina, de propriedade de um senhor chamado José Ivo.

Era uma das mais organizadas propriedades rurais da região. “Administrada com espírito prático e com grande sensatez”, segundo Felipe Nery de Siqueira e Silva, no livro “Os Siqueiras de Bragança Paulista”.

Localizadas aos pés da Serra da Mantiqueira, as terras daquele município eram favoráveis aos cafezais. Os primeiros cultivos na região datavam do século 18. E os Ferrarese haviam se adaptado bem ao trabalho, já passando de colonos para meeiros.

Os meeiros plantavam na terra cedida pelo patrão e a ele davam a metade de tudo o que fosse colhido, ficando com a outra parte. Era muito melhor do que ser colono, recebendo apenas um pequeno salário em troca do trabalho árduo.

De Santos, Primo, Emma e as crianças foram direto para a Fazenda Bocaina. Para ele, foi um momento de muita emoção reencontrar a mãe, Leopolda, depois de 16 anos sem vê-la. E também receber, com muito atraso, a notícia da morte do pai.

Sem vocação para trabalhar na lavoura, o marceneiro não quis se instalar na casa onde a mãe era a matriarca e morava o seu irmão Giuseppe com a família. Preferiu se abrigar de favor na casa da irmã

Teresa, já casada com um homem chamado Francisco Olivatto, no núcleo urbano de Bragança Paulista.

Agora era preciso arranjar sustento para a família, em uma nova terra. Estavam instalados no Brasil.

1 – Lilia M. Schwarcz e Heloisa M. Starling – Brasil: uma biografia – Companhia das Letras, 2015.

3. A FAMÍLIA CRESCE EM UMA NOVA TERRA

A Itália que Primo, Emma e as crianças deixaram para trás era um país que começava a passar por um processo de industrialização sob a administração do primeiro-ministro Giovanni Giolitti (1842-1928), que ficou no poder durante aproximadamente 15 anos e se preocupava com o crescimento econômico.

Mas ainda assim era um país rural e pobre, conforme apontou o Censo de 1911, o qual registrou que 59% da força de trabalho estava ligada à agricultura¹.

Por isso, o processo de emigração continuava intenso. Entre 1903 e 1920, o Brasil recebeu 306.652 italianos².

Números do IBGE indicam que, entre 1880 e 1924, entraram no País 3.396.366 imigrantes. Desses, 1.331.158, quase 40%, eram italianos.

E o Brasil que eles encontraram também se modificava, com um tímido processo de industrialização e a população das cidades, sobretudo

as grandes e médias, crescendo mais rapidamente do que a população do campo.

Em 1911, Bragança não era uma cidadezinha. Tinha aproximadamente 40 mil habitantes e era rota de passagem para tropeiros que vinham de Minas Gerais em direção ao porto de Santos, distante em torno de 150 quilômetros.

Matéria publicada em 4 de julho de 1909, no jornal “Cidade de Bragança”, revelava que o município contava com 37.908 moradores e era o terceiro mais populoso entre os 11 que formavam a chamada “Linha de Santos”.

Morando na casa da irmã e do cunhado, Primo começou a usar o seu ofício para garantir alguma renda. Aceitava também serviços de ferreiro e fazia muitas rodas de madeira para carroças.

Na entrevista que concedeu em 1991, Yolanda Ferrarese se recordou que foram aproximadamente quatro anos residindo com a tia Teresa e o tio Francisco. Foi na casa deles que nasceu Mafalda, pouco depois de a família chegar ao Brasil.

Nos documentos oficiais, consta que Mafalda teria nascido em 28 de janeiro de 1913 e não em 1911, como afirmou Yolanda. Provavelmente, como era comum naquele tempo, Primo e Emma demoraram para registrar oficialmente a criança, deixando-a mais nova do que realmente era.

Isso fica mais evidente se considerarmos a data de nascimento do quinto filho do casal, Romão, registrado como nascido em 28 de novembro de 1913, nos papéis apenas dez meses depois da irmã; o que é até possível pelas leis da natureza, mas improvável.

Deixando de lado os desencontros entre as datas, o fato é que a família crescia e a casa dos parentes começava a ficar apertada. Por isso,

foram morar em uma instalação dentro do matadouro da cidade, na saída para Minas Gerais, portanto na periferia do perímetro urbano.

Por ali, os serviços que Primo conseguia não eram suficientes para toda a família, principalmente com a chegada de Spartaco, em 27 de abril de 1916, o sexto filho e o terceiro já nascido em solo brasileiro.

Pouco antes, Primo enfrentara mais um momento de tristeza. Em 6 de junho de 1915, dona Leopolda, sua mãe, morrera na Fazenda Bocaina.

Segundo Yolanda, a situação já estava muito difícil quando um empresário do ramo atacadista da cidade, Lorenzo Stefani, ficou sabendo da condição da família de italianos que morava no matadouro. Mandou para lá duas carroças carregadas de mantimentos e ofereceu a Primo um trabalho fixo em uma serraria.

Foi aí que a situação melhorou e permitiu à família fazer uma pequena poupança. Além de marceneiro e carpinteiro, Primo aceitava outros serviços. Consertava relógios, revólveres, máquinas de costura. Fazia anéis de prata e outros trabalhos de artesanato.

Com a vida financeira remediada, chegaram a se mudar para o bairro Caetetuba, no município de Atibaia, a 25 quilômetros de Bragança. Já levavam mais uma criança, chegando a sete filhos. Aldo Ferrarese nascera em 9 de abril de 1918.

Corria 1921 e Giuseppe Ferrarese, irmão de Primo que viera com os pais para o Brasil, já havia juntado dinheiro suficiente para realizar o que era o sonho da grande maioria dos imigrantes italianos: ser dono de sua própria terra, passando de empregado a patrão. Ele havia conseguido comprar uma fazenda de 60 alqueires justamente em Atibaia.

Mas se o irmão conseguiu se estabelecer bem, Primo ainda procurava o seu lugar. E agora os filhos já eram oito. Armanda viera à

luz em 19 de maio de 1921. A diferença dela para o mais velho, Remo, era de 17 anos.

Por sinal, todas essas mudanças e fracassos, a luta constante para conseguir vida melhor desde a saída da Itália, iam moldando o caráter do primogênito da família, que se tornava responsável e trabalhador.



Em foto de 1925, toda a família de Primo e Emma reunida.

1 – Christopher Duggan – História concisa da Itália – Editora Edipro, 2016.

2 – Anna Rosa Campagnano Bigazzi – Italianos: História e memória de uma comunidade – Companhia Editora Nacional, 2006.

4. A FELICIDADE NO SOBRADÃO

De Atibaia, a família volta para Bragança Paulista, estabelecendo-se primeiro em uma pequena casa até alugar um grande e confortável sobrado, perfeito para a instalação de uma oficina de marcenaria e carpintaria no térreo e moradia para a família no primeiro andar.

A esta altura, Primo resolve decretar: “io non lavoro piu!”* E passa a executar apenas serviços que lhe dão prazer, como o artesanato e artigos trabalhados. E os filhos arregaçam as mangas para tornar lucrativa a oficina. Emma não deixa por menos, dá pensão para viajantes em quartos vagos do sobrado e faz pães caseiros para vender.

Porém, de forma repentina, Yolanda contou a história em 1991 mas não soube explicar os motivos, resolveram deixar o sobrado para morar em outra casa.

Na nova morada, praticamente a família toda contraiu tifo, uma doença epidêmica transmitida pelo piolho humano do corpo e causada

* “eu não trabalho mais!”

pela bactéria *Rickettsia prowazekii*. A transmissão se dá quando o piolho excreta suas fezes, liberando bactérias que invadem o corpo humano através de feridas invisíveis na pele¹. “Foi terrível”, relatou a filha mais velha de Primo e Emma.

A doença era como se a natureza desse um aviso para a família: voltem para o sobrado. E voltaram.

Remo, Rômulo, Romão, Spartaco e Aldo se mostraram também com talento para marcenaria, carpintaria e serviços manuais. E a oficina no térreo do sobrado voltou a ter movimento, sobretudo de carroças. Os automóveis eram raros.

No primeiro andar, o volume de pães que Emma fazia a cada fornada era tamanho que os filhos tiveram a ideia de abrir espaço no piso da varanda, permitindo passar uma correia que era ligada a uma das máquinas da oficina.

A correia era engatada no cilindro para sovar a massa, tocado pela máquina lá de baixo, sem a necessidade da força dos braços das mulheres.

O sobrado tinha ainda a vantagem de ficar muito bem localizado, na Rua da Estação, atualmente chamada de José Domingues. Por ali, passavam todos que tinham que ir até a Estação Ferroviária Taboão, inaugurada em 1884.

Com a mesa farta, a harmonia encontrava o seu espaço. Nos momentos de folga, todos cantavam ou tocavam algum instrumento. Remo se encarregava do clarinete, Spartaco dominava os instrumentos de corda e Aldo tocava pistão. Rômulo e Romão também tiravam bons acordes do clarinete.

Como família grande, aprendiam a dividir, compartilhar e a se ajudar. Um exemplo é a única máquina de escrever que tinha na casa. Pertencia a Remo, mas todo mundo usava.



1930 - A família de Primo e Emma

Muitos anos depois, Yolanda diria ao sobrinho Walter: “Como fomos felizes.”

Só em 2017, depois de 50 anos ausentes, é que alguns membros da família voltaram a visitar o interior do sobrado. Silvandira, acompanhada pelo filho Marcio e por Maria Angela Bandini, filha de Armanda, conseguiram que a atual proprietária, sra. Diva Alvizi concordasse com a visita. Foi emocionante. Os cômodos permanecem os mesmos, deteriorados nas paredes, a varanda dos fundos e os quartos. Para Silvandira, o quarto de sua mãe trouxe de volta muitas lembranças. Durante um bom tempo, até falecer, Augusta precisou restringir o seu

dia a dia ao cômodo. Ela tinha tuberculose, uma doença transmissível. Embora não pudesse entrar, era ali da soleira da porta que Silvandira lhe cumprimentava e pedia a benção todo dia.



Foto atualizada do sobrado que abrigou os Ferrarese na década de 1930.



Em frente à entrada. Diva, Silvandira e Maria Angela

1 - Maria Ramos - Tifo. Disponível em <http://www.invivo.fiocruz.br/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=758&sid=8>, acesso em 10/08/2017.

5. IDEIAS DE MUDANÇAS

No dia 12 de novembro de 1927, o Cartório de Bragança registrou em sua pasta 79, livro 29, folha 58, termo 286, o casamento de Remo Ferraresi e Augusta Corci. Aos 23 anos, o filho mais velho de Primo e Emma já se tornava um homem casado, sinalizando a rápida passagem do tempo. Augusta tinha apenas 19 anos.

Interessante notar que, no cartório, grafaram o sobrenome do noivo com a letra i no final.

Jovem, porém responsável, Remo continuaria a trabalhar com os irmãos na empresa da família e logo se tornaria pai de uma menina. Em 12 de setembro de 1928 nasceu Silvandira Ferraresi. Agora, o casarão dos italianos, na Rua da Estação, produzia os sons da marcenaria e carpintaria, da fábrica de pães e do choro de um bebê recém-nascido.

Uma foto de 1930, mostra Augusta ao lado do marido, praticamente da mesma altura dele e de cabelos presos, o que era muito comum. Ela aparenta boa saúde, com um rosto arredondado.

No entanto, pouco tempo depois, contrairia tuberculose, doença infecciosa e transmissível que pode levar à morte. No Brasil do século 21 são praticamente 70 mil novos casos por ano, provocando em torno de 4,5 mil mortes¹.

Mas, na década de 1930, estar tuberculoso era praticamente uma condenação à morte. O primeiro fármaco utilizado com sucesso para o controle da doença, a estreptomomicina, seria descoberto somente em 1943 pelo bioquímico americano Selman Waksman.

Remo buscou o que havia de melhor para a mulher, em Campinas, o então mais desenvolvido centro médico da ocasião. Infelizmente não adiantou. Augusta morreu em 1933.

Com isso, a *nonna* Emma assumiu os cuidados da pequena Silvandira, não deixando faltar à menina todos os carinhos que costumam vir de uma figura materna.

Dois anos depois, Remo se casaria novamente, agora com uma moça chamada Helena Russo, com a qual teve mais um filho, Rubens, nascido em 1936.

Rômulo também já havia se casado, em 1930, com Lúcia Civita. As responsabilidades e as dificuldades das vidas de adultos, da constituição de famílias, chegavam para todos.

E ideias de mudanças, de desbravar novos horizontes, começavam a passar pela cabeça de Remo.

1 – Ministério da Saúde – Tuberculose. Disponível em <http://portalsaude.saude.gov.br/index.php/o-ministerio/principal/secretarias/svs/tuberculose>, acesso em 12/08/2017.



Remo e Augusta, 1930.



Silvandra e seu primo Walter,
filho de Rômulo.



Casamento de Rômulo e Lúcia, em 1930. Silvandra é a menininha
que está à frente do casal. Foi madrinha de alianças.



6. O NORTE DO PARANÁ

Até agosto de 1929, todas as terras do que viriam a ser o município de Londrina e seus vizinhos eram cobertas por uma floresta exuberante, do bioma da mata atlântica, que sustentava em pé árvores grandes, robustas e de notável valor comercial, como perobas-rosas e cedros.

A paisagem passaria a se mudar drasticamente a partir do momento em que homens de uma empresa de capital britânico, a Companhia de Terras Norte do Paraná (CTNP), chegaram para tomar posse de uma área de 515.017 alqueires ou 1,2 milhão de hectares¹, na qual surgiriam dezenas de municípios.

Os britânicos colocaram em ação um grande plano de venda de pequenos lotes de terra, entre 10 e 20 alqueires, mostrando em suas propagandas fotos da floresta para comprovar a fertilidade do solo que a mantinha em pé.

Propagandistas distribuíam material informativo na Europa e em outras regiões do Brasil. E vendiam muito.

Documentos da CTNP disponíveis no Museu Histórico de Londrina mostram que, entre 1933 e 1940, homens e mulheres de 33 nacionalidades diferentes compraram lotes. Além dos brasileiros, que somaram 3.701 compradores; destacaram-se os italianos, com 770 aquisições; os japoneses, donos de 638 lotes; os alemães, com 554; espanhóis, proprietários de 480 lotes; portugueses, com 309; Poloneses, 214.

Em 1935 um dos emissários da CTNP, de origem nipônica, passou por Bragança. Mostrou para Remo as fotos da Londrina que acabara de se tornar município, em 1934, falou das milhares de árvores que ainda estavam em pé e que seriam derrubadas para dar lugar aos cafezais. E disse também que era claro que haveria muito dinheiro a ser ganho por quem soubesse trabalhar com madeira.

Havia ali uma oportunidade de emancipação financeira para aquele homem já em seu segundo casamento e pai de dois filhos. No mesmo ano da conversa com o japonês, ele viajou para Londrina para ver de perto o que a propaganda lhe mostrara por meio de panfletos.

“Meu pai foi picado pela mosca”, sintetizou Silvandira, em entrevista para este livro em 2017. Já em 1936, Remo começou a se desfazer dos bens que possuía, levantando capital e preparando a mudança para o Norte do Paraná.

Primo e Emma concordaram com a aventura. Ele também convenceu o irmão Spartaco, com apenas 20 anos de idade, a se associar na empreitada de fundar a “Serraria Ferrarese”. Aldo e Armanda também aceitaram a parada de trocar uma cidade já bem organizada por outra que praticamente estava nascendo.

O restante da família se mudaria para São Paulo, para trabalhar e estudar. E o sobradão onde os Ferrarese tiveram bons momentos seria desocupado.

Em 1937, Londrina tinha em torno de 10 mil moradores em sua área urbana. No Censo de 1940 seriam registrados 11.175 residentes na cidade e outros 19.103 na área rural, dando ao município um total de 30.278 habitantes.

Na desconfortável viagem de trem e no desembarque em uma tímida estação de madeira, a família já percebeu que conforto não era uma palavra que estava no dicionário da nova terra.

Alugaram uma casa na qual morariam todos, a dois quarteirões de onde a cidade acabava e iniciava a mata. Silvandira, na curiosidade dos sete anos de idade, em suas brincadeiras, distanciava-se da casa e, automaticamente, aproximava-se da mata. Era motivo para a nonna Emma lhe chamar aos gritos. “Menina, volte já, que aí tem onça”. E, de fato, havia onças-pintadas e pardas não muito distante dali.

Se para a menina tudo era brincadeira, os adultos logo sentiram falta de confortos aos quais já haviam se acostumado em Bragança, como a luz elétrica, a água encanada e banheiro com vaso sanitário. No novo lar não tinha nada disso.

Londrina efervescia, com a floresta sendo derrubada ao redor, fumaça de queimadas de matas pairando sobre o ar, diversos idiomas sendo falados nas esquinas, gente de manga arregaçada no ideal de ganhar dinheiro.

Os irmãos Ferrarese compraram terreno para a serraria nas bordas do perímetro urbano, em frente de onde hoje está a Paróquia Nossa Senhora da Paz.

Em uma das primeiras fotos para a qual posaram, orgulhosos do empreendimento, vê-se um galpão de madeira, ainda inacabado, sendo coberto por telhas de barro, com a mata logo ali, ao fundo.

Remo está em uma motocicleta, com Rubens e a esposa. Spartaco

está ao lado dos operários, com cachimbo na boca. Além dos irmãos, estão 12 homens no retrato. Eram necessários muitos braços para lidar com toras brutas em um tempo de pouco maquinário.



A nascente Serraria Ferrarese. Remo está na motocicleta com o filho Rubens. Helena está ao lado. Spartaco é o último à direita, com cachimbo na boca.

Nos anos 1950 e 1960, Londrina viria a ostentar o título de “Capital Mundial do Café”, mas na década de 1930 não seria exagero se alguém a denominasse “Capital da Madeira”.

A ordem era derrubar. No livro “Londrina 80 anos”, o historiador e jornalista Widson Schwartz registra que, em 1937, chegou a haver déficit de vagões para carregar tanta madeira. Isso levou Carlos de Almeida, funcionário da Seleção Industrial de Artefatos de Madeira (Siam), a maior empresa do ramo, a formalizar uma denúncia à Associação Comercial.

“Londrina está, mais do que nunca, sob a ameaça de crise econômica, pois todos os ramos da praça dependem do ramo madeireiro”, destacou Almeida¹.

A Siam até vila formou com seus muitos funcionários e tinha maquinário avançado para a época, trazido de Santo André, interior de São Paulo, pelos seus diretores, Henry e Otto Blumenchein.

Outra grande firma do ramo era a Mortari, fundada em 1936. Também italiano e também vindo do interior de São Paulo, Matão, no caso; Amadeu Mortari trouxera funcionários treinados e máquinas. Com isso, tinha boa capacidade de produção e vendia madeira para grandes centros e até para exportação².

Além dessas duas grandes, a Ferrarese tinha ainda a concorrência de mais de dezena de outras serrarias grandes e médias operando na cidade.

Remo e Spartaco estavam convictos de que poderiam prosperar nesse cenário.

Silvandira foi matriculada no Colégio Mãe de Deus, uma pioneira experiência educadora de freiras alemãs, para fazer o primeiro ano escolar. Primo e Emma permaneceram até o início de 1938. Com bronquite asmática, o *nonno* sofria com a fumaça das queimadas.

Silvandira e sua tia Armanda foram embora com eles para São Paulo, indo morar no então distante bairro da Lapa. Aldo permaneceu em Londrina por mais dois meses, seguindo depois o caminho dos pais.

Enquanto isso, a serraria crescia, passando a contar com dois caminhões, os lendários Gigantes, da Chevrolet, para transportar toras e mais máquinas para beneficiar a madeira.

Nas fotografias da época é possível notar o nome da empresa, escrito em letras grandes, nos capôs dos caminhões, evidenciando uma visão empresarial, um desejo de fortalecer a marca. E apesar de tudo ser tão rústico, os motoristas usam quepes de chofer.



Chevrolet Gigante da Serraria com tora de mais de 1,5 metro de diâmetro na carroceria. Eram tempos rústicos, mas o motorista ostenta quepe de chofer.



A frota da Ferrarese, com dois Gigantes e um Ford Baratinha.

1 – Widson Schwartz – Londrina 80 anos – Midiograf, 2014.

2 – Alberto Gawryszewski (org.) – Patrimônio Histórico e Cultural – Cidade de Londrina (PR) – Universidade Estadual de Londrina, 2011.

7. GUERRA, PRIVAÇÕES E TRABALHO

Em 1938 todos partem e permanecem Remo, com a esposa e o filho mais novo, e Spartaco, apostando na terra vermelha. Parecia haver em Londrina um clima de pressa, de ansiedade. Tudo acontecia rapidamente.

Naquele mesmo ano, a CTNP adicionara aos contratos de compra e venda de terras uma cláusula que obrigava ao comprador deixar em pé pelo menos 10% da mata. Poucos respeitavam.

No livro “Londrina 80 anos”, Schwartz registrou o depoimento de Oscar Curotto, filho de Adolfo Curotto, dono de uma terceira grande serraria que funcionou naquele tempo.

Oscar revelou que a pressa para plantar era tamanha que muitos proprietários chegavam a atear fogo em valiosos troncos de marfim, cedro ou peroba-rosa. Não tinham a paciência de esperar que os madeireiros as retirassem, mesmo em troca de uma boa quantia de dinheiro.

Em 1939, a cidade ganhou o seu segundo hospital, onde atualmente está a esquina da Avenida Paraná com a Rua São Paulo, já com sala de

cirurgia, fundado pelo doutor Jonas de Faria Castro, somando-se ao que era mantido pela Companhia de Terras. E também é inaugurada uma usina hidrelétrica no Ribeirão Cambé.

Nesse cenário, a Ferrarese conquistou a sua parcela de mercado. Remo tinha um espírito de liderança. Spartaco, embora jovem, era sério e centrado nos negócios. Ambos se entrosavam bem com os funcionários.

Em foto dessa época, Spartaco está com sete trabalhadores no pátio da serraria. Ao fundo está o Gigante, carregado com um enorme tronco, talvez de peroba. É difícil encontrar uma foto da Londrina daquela época com algum desses caminhões sem estar levando uma carga de toras.

Também ao fundo está uma carroça com grandes rodas de madeira e um homem com uma bicicleta.



Spartaco e funcionários da Serraria. Ao fundo uma carroça com rodas de madeira e o Gigante sempre carregado.

O transporte era feito sempre com muita dificuldade. Não havia asfalto nas estradas nem nas ruas. Nos dias chuvosos, a terra virava uma lama grudenta e intrafegável, mesmo para quem quisesse se locomover a pé.

No entanto, no meio de tanto trabalho, também havia lugar para festas, sobretudo para um rapaz solteiro, como Spartaco. No baile de carnaval de 1939, ele conheceu uma moça, também de ascendência italiana e recém-chegada do interior paulista, muito bonita, chamada Mercedes Balarotti Storti. Começaram um namoro. E como tudo era tão acelerado, casaram-se ainda em 1939.

Sendo o noivo um rapaz sem grandes poupanças e a noiva filha de família humilde, fizeram a cerimônia e a festa na própria casa, de madeira, onde iriam morar. Tudo muito simples e alegre, como não poderia deixar de ser numa reunião de italianos.



Casamento de Mercedes e Spartaco (05/12/1939)



Mercedes grávida do Airton (1940)

Primo e Emma se deslocaram de São Paulo para prestigiar o casamento do filho.

No ano seguinte, 1941, nasceu Airton, o primeiro filho de Spartaco e Mercedes. E os irmãos Ferrarese venderam madeira para um senhor que estava concluindo a construção na cidade do primeiro ginásio, o que

permitiria aos filhos dos moradores de Londrina avançar nos estudos além dos quatro anos primários.

Quando chegou com os avós para as festas de Natal daquele ano, Silvândira foi informada pelo pai de que não voltaria para São Paulo com os nonnos. Ficaria morando definitivamente em Londrina, pois haveria onde ela pudesse estudar.

Para a menina que ia chegando à adolescência, não foi problema trocar a capital paulista, onde passeava de bonde com as tias quando era necessário fazer alguma compra na região central, pelas ruas de terra de Londrina.

“Como eu já havia morado na cidade durante um tempo e todos os anos vinha para as festas, achava normal tudo o que acontecia naquele lugar que ainda era considerado sertão”, relatou ela em entrevista no ano de 2017.

O homem que comprara madeiras de Remo e Spartaco era o médico Jonas de Faria Castro, o mesmo que havia fundado um hospital no ano anterior. Visionário e empreendedor, ele era Pernambucano de nascimento, formara-se pela Faculdade Nacional de Medicina do Rio de Janeiro e passara uma parte da vida na cidade de Carangola, em Minas Gerais, onde fundara o Ginásio Carangolense.

Para fundar o Ginásio Londrinense, associou-se ao advogado Rui Ferraz de Carvalho e trouxe de outras cidades profissionais conceituados, como Emílio Rocha; do Rio de Janeiro, para ensinar Português e História; e Vitorino Gonçalves Dias, de Ourinhos (SP), para ser o professor de educação física. Justiniano Clímaco da Silva, um médico baiano, lecionava latim. Também médico, Jonas de Faria Castro Filho, naturalmente filho do fundador do colégio, era o titular das disciplinas de ciências e inglês.

“Fizemos os exames de admissão. E foram surgindo alunos, alguns mais velhos, que já estavam sem estudar havia alguns anos por absoluta

falta de um estabelecimento que oferecesse o ensino ginasial. No total, a nossa turma pioneira ficou com 41 alunos. E os mesmos terminaram o curso quatro anos depois, em 1944, estudando na mesma sala, sentando-se nos mesmos lugares, ao lado dos mesmos colegas nas carteiras duplas”, detalhou Silvandira.

Em 1941, o Paraná já possuía 61 milhões de pés de café, distribuídos por mais de 200 mil hectares¹, grande parte deles ocupando o que antes era mata. Do total de cafeeiros do estado, 12,5 milhões estavam dentro dos limites do município de Londrina².

O mundo estava em guerra desde 1939. Embora concentrado na Europa nos primeiros anos, o conflito repercutia no Norte do Paraná, causando muita preocupação nos imigrantes europeus que tinham parentes muito perto ou até participando dos combates.

Porém, em agosto de 1942, o então presidente Getúlio Vargas (1882-1954) deixou de lado a neutralidade e declarou guerra aos países que formavam o Eixo (Alemanha, Itália e Japão).

A partir de então passou a ser proibido que homens e mulheres dessas três nacionalidades se expressassem em suas línguas pátrias. Localidades que tinham nomes que remetesse aos três países deveriam trocar de denominação.

O distrito de Nova Dantzig, que se originara recebendo imigrantes vindos de Danzig - uma cidade livre controlada pela Liga das Nações depois de desmembrada da Alemanha após a Primeira Guerra Mundial (1914-18) -, passou a se chamar Cambé.

Rolândia, colônia formada para receber alemães, homenageando Roland, o lendário integrante da corte de Carlos Magno que teria morrido em batalhas na península ibérica no século 8, passou a se chamar Caviúna.

Nova Danzig nunca voltaria ao nome original, tornando-se o

município de Cambé. Rolândia voltaria a ter o nome escolhido por seus pioneiros, também chegando a município.

Para os italianos, que se integraram mais facilmente ao “jeito brasileiro”, a situação foi um pouco mais tranquila. Contudo, líderes das colônias japonesa e alemã chegaram a ser presos na Cadeia de Londrina sob a acusação de “possivelmente colaborarem com o Eixo.” Alguns tiveram as propriedades confiscadas.

Para a Serraria Ferrarese, a dificuldade maior foi manter em dia os transportes. Os combustíveis estavam racionados e pouco ou quase nada de diesel chegava a Londrina. Mesmo em São Paulo não havia gasolina para manter os automóveis rodando.

A solução foi adaptar gasogênio aos caminhões. O aparelho consistia de um reservatório para lenha ou carvão, instalado na parte externa dos veículos. Com a queima desses produtos, produziam-se gases que serviam como combustíveis substitutos do óleo diesel ou da gasolina.

O problema é que o gasogênio rendia aos motores uma potência entre 25% e 50% menor do que os outros combustíveis e os sistemas apresentavam muitas falhas. O governo Vargas chegou a criar a Comissão Nacional do Gasogênio, na expectativa de incentivar a produção de aparelhos mais eficientes.

“Funcionava muito mal esse sistema de combustível. Meu pai e meu tio sofriam para fazer o transporte da madeira no tempo da Guerra”, recorda-se Silvandira.

Mas o único jeito era trabalhar. E desafios ainda maiores estavam chegando.

1 – Irineu Pozzobon – A epopeia do Café no Paraná – Grafmarke, 2006.

2 - Widson Schwartz – Londrina 80 anos – Midiograf, 2014.

8. DESBRAVANDO MARRECCAS

Conforme a área urbana de Londrina ia se expandindo, a madeira ficava distante. Com estradas ruins, o transporte era um grande problema. Chegar com os caminhões às propriedades cafeeiras que iam se abrindo para buscar as árvores que eram derrubadas se tornava missão difícil, demorada e, às vezes, impossível.

Nos dias de chuva, os caminhões encalhavam no barro vermelho. Era preciso esperar o tempo melhorar, o sol aparecer e o solo secar completamente para sair do atoleiro e seguir adiante. Isso poderia demorar horas. Ou dias.

Para agravar, o combustível continuava não chegando a Londrina, obrigando a todos a utilizarem os pouco eficientes gasogênios.

Grandes problemas exigem atitudes ousadas. Remo e Spartaco consideraram que o melhor seria levarem a serraria novamente para perto da matéria-prima, como acontecera logo que chegaram a Londrina.

Havia uma boa oportunidade em um lugar que era apenas uma picada no meio da mata virgem, à margem de um córrego chamado

Marrecas, distante em torno de 25 quilômetros da área urbana e de qualquer traço de conforto, nas terras de um certo Aristides Carvalho de Oliveira, dono de uma fazenda que também levava o nome de Marrecas.

Conversaram com os funcionários, que concordaram com a mudança, e compraram as terras para uma nova sede para a Serraria Ferrarese e também uma pequena fazenda de café.

Silvandira guardaria para sempre na memória aquele dia de julho de 1942 quando o pai a levou, junto da nonna Emma, para acompanharem a derrubada da mata e a limpeza do terreno onde seria instalada a empresa da família.

Levaram virado de frango, milho cozido e mandioca. Não foi possível levar pães porque, a exemplo dos combustíveis, a farinha também não chegava ao Norte do Paraná por causa do racionamento imposto pela Guerra.

Nem as irritantes picadas dos pernilongos tiraram a alegria da menina de participar daquele momento importante e também por estar perto do pai.



Spartaco, Aldo e trabalhadores da Serraria Ferrarese



Remo e trabalhadores da Serraria Ferrarese fazendo a derrubada do mato para instalação da empresa em Marrecas.

No arquivo familiar, há uma foto deste dia, mostrando nove homens e um menino, com ferramentas nas mãos, em meio ao trabalho de preparar o terreno para a serraria.

Lúcido aos 91 anos, o senhor Armando de Mattos Sabino concedeu entrevista para o autor deste livro em 2017. Ele chegou a Marrecas em dezembro de 1942, aos 16 anos, acompanhando os pais que abririam por lá um estabelecimento comercial. E encontrou a serraria já funcionando.

“Só havia por ali a serraria, as casas dos funcionários que nela trabalhavam, a casa do senhor Remo e um pequeno estabelecimento comercial, pertencente a um senhor chamado João Gonzaga. Nada além disso”, ele relatou na entrevista. Spartaco se mudaria de Londrina para Marrecas um pouco depois do irmão, provavelmente pelo fato de ter naquela época o segundo filho, a menina Altair, ainda bebê, nascida naquele mesmo ano.

Alberto de Mattos Sabino, pai de Armando, era um homem com tino comercial, atrás de boa oportunidade de se estabelecer. Já havia passado pelo interior paulista, pelo Norte Pioneiro do Paraná, mais precisamente em Jacarezinho; pela região dos Campos Gerais, em Palmeira; e pelo centro de Londrina. Até resolver apostar em Marrecas, onde abriu a Casa Mattos, especializada em secos e molhados.

A madeira para erguer o comércio, Alberto negociou diretamente com Remo. Aliás, toda construção que surgia por ali era feita com boas tábuas vendidas pela Ferrarese, propiciando um padrão interessante em relação a outras vilas ou patrimônios que surgiam próximas de derrubadas e costumavam ter moradias mais rústicas, de palmito, por



Vista da entrada de Marrecas em 1943. À esquerda da estrada está a serraria.

Em uma foto feita provavelmente em 1943, disponível no acervo do Museu Histórico de Londrina, mostrando um panorama do lugar que o pessoal já chamava de Marrecas por causa do córrego, é possível ver a serraria bem na entrada do vilarejo, à esquerda da estrada, logo depois de uma pequena ponte. Ao fundo, algumas casas, não mais que duas dezenas, todas de madeira e bem construídas.

Com a mudança de Remo; Primo e Emma voltaram para São Paulo. Silvandira estava estudando e não poderia acompanhar o pai, a madrasta e o irmão para um lugar onde não havia colégio. Passaria a morar com o tio Spartaco para poder continuar frequentando o Colégio Londrinense.

A cidade de Londrina havia melhorado. Agora já tinha luz elétrica e água encanada. E as queimadas estavam distantes do núcleo urbano.

Enquanto isso, ao redor de Marrecas, fazendas de café iam se abrindo e formando colônias com trabalhadores. Algumas propriedades chegavam a ter mais de 100 moradores, impulsionando o que viria a ser o primeiro distrito de Londrina.

Já em 1943, Remo e Spartaco cederam a madeira para a construção da primeira escola, levantada em mutirão pela comunidade.

Romão, morando em Bragança Paulista, ficou sabendo da nova empreitada dos irmãos e também se animou a tentar o sucesso em Marrecas. Mudou-se para lá e abriu uma venda de secos e molhados para concorrer com a Casa Mattos. Poucos meses depois teve que desistir. Um dos filhos dele, Dáureo, não suportava as picadas de mosquitos, que causavam inflamações na pele do menino.

Em 1945, já viria a elevação de Marrecas a Patrimônio, com o nome de Santa Helena. Dois anos depois, em 1947, Justiniano Clímaco da Silva, o mesmo que fora professor de Silvandira e agora era deputado estadual, apresentou projeto na Assembleia Legislativa propondo a criação do distrito com o nome de Irerê, um termo indígena, do tupi, para o pássaro popularmente chamado de marreca.

Na cerimônia de instalação do distrito, em 4 de julho de 1948, teve a presença de autoridades, solenidades e até um baile no fim do dia. Em uma foto da coleção de Armando de Mattos Sabino, comerciantes de Irerê posaram para foto com o então prefeito Hugo Cabral, em frente à residência onde havia morado Remo Ferrarese.



Prefeito Hugo Cabral, o quarto da esquerda para a direita, com comerciantes de Irerê, em 1948. Ao fundo, a casa que pertencera a Remo Ferrarese.

É possível observar que se trata de uma casa pequena, mas construída caprichosamente com tábuas de peroba-rosa, coberta com telhas de barro, com uma varanda e janelas que se fechavam com vidro e madeira.

Remo e Spartaco não participaram da festa de instalação do distrito do qual eram pioneiros e que contribuíram tanto para a formação.

Em 1944, o mais velho dos irmãos resolvera mudar de ramo. Vendo que os cafezais não paravam de se expandir, vendeu a sua parte na empresa para Spartaco, em troca das terras que haviam comprado também em sociedade, nas quais havia 50 mil pés de café.

Spartaco, por sua vez, agora pai de três filhos, com o nascimento de Alderi, também em 1944, considerou que o melhor para a família seria viver na cidade, vendendo a empresa para um senhor de origem portuguesa.

Era o fim da Serraria Ferrarese, que agora passaria a se chamar Lusitana, propriedade de um certo senhor Vieira.

E para as famílias dos dois pioneiros era início de novos tempos.

9. DA MADEIRA PARA O CAFÉ

Naquele ano de 1944, quando os irmãos Ferrarese desistiram da serraria em Irerê, Londrina tinha apenas dez anos de emancipada e quinze de colonização. Porém, o que tinha de novo, o município também tinha de efervescente.

Tudo acontecia de maneira rápida. E, impulsionado pela expansão dos cafezais e das vendas de lotes urbanos e rurais, o dinheiro girava. É de causar inveja para os prefeitos do século 21 a receita da Prefeitura nos anos 1940 e 1950, quando a arrecadação total acabava sendo maior do que a previsão orçamentária.

Em 1944, por exemplo, a receita orçada foi de 3,2 milhões de cruzeiros. Porém, a arrecadação ultrapassou os 4 milhões de cruzeiros¹.

Conforme a mata ia sendo derrubada, cafeeiros ocupavam os lugares que antes eram das árvores. Em 1936, a área cultivada com essa cultura no Paraná era de 69,8 mil hectares. Em 1945 chegaria a 113.277 hectares².

O cenário era muito favorável para a cafeicultura. Em 1942, uma geada severa praticamente quebrara a safra do Estado. Já no ano seguinte determinou-se o fim do período de incineração dos estoques por parte do governo federal, dado o equilíbrio dos mesmos.

Tudo isso foi motivo para Remo se animar. Logo os seus 50 mil pés de café da fazenda de Irerê iriam produzir, bem no tempo em que os preços do produto evoluíam. Com boa colheita, claro, levantaria um bom dinheiro.

“Mas não foi isso que aconteceu”, conta Silvandira. A lavoura de Remo foi atingida pelo maior pesadelo de quem plantava naquele tempo: a geada.

Acontece que o cafeeiro é nativo de áreas tropicais, não tolerando baixas temperaturas. O Norte do Paraná, zona de transição para o clima subtropical, é o ponto mais meridional do planeta onde se cultiva café em larga escala.

A produtividade proporcionada pela boa terra vermelha acabava sendo tão alta que os agricultores aceitavam o risco de perder tudo ou quase tudo para uma onda de frio.

Artigo acadêmico produzido por Lucas Mores e publicado nos anais do 8º Congresso Internacional de História relata que, entre 1945 e 1975, ocorreram dez geadas que prejudicaram os cafezais do Norte do Paraná³. Portanto, média de uma a cada três anos.

“Meu pai não conseguiu colher nada daquele cafezal que ele formou e cuidou, com muito trabalho. De repente, viu-se descapitalizado, tendo como único patrimônio o pedaço de terra. Justamente em um período conturbado da vida pessoal”, complementa Silvandira.

Depois da geada, vieram os problemas, que resultaram na separação de Remo e Helena. Ele não abria mão de ficar com a guarda do filho,

Rubens. E o advogado que conduziu a partilha dos bens, recomendando a venda das terras em Irerê não fez bons negócios. A fazenda foi vendida por pouco dinheiro. Menos do que realmente valia.

De todo o montante arrecadado com o auge da madeireira, Remo não tinha agora grande coisa. Mas possuía o mais importante: o amor e a proximidade dos filhos. Conseguira ficar com Rubens. E Silvandira se mostrava uma moça muito responsável. Terminara o ginásio e estava fazendo o curso de normalista.

“Mas Remo era irrequieto e empreendedor demais para ficar parado. Passado o trauma da separação, conheceu uma outra senhora, que era viúva e tinha uma filha – chamada Odete - na idade do Rubens. Maria Camargo era o nome dela. Uma boa mulher. Tornou-se a terceira esposa dele. Em seguida, ele se aventurou comprando uma máquina de beneficiar arroz, em um lugarejo chamado Santo Antônio, próximo de Arapongas”, recorda-se Silvandira.

Naquela época, Arapongas era patrimônio do município de Rolândia, emancipando-se em 1947. Seis décadas depois, em 2017, teria população estimada pelo IBGE de 118.477 habitantes.

Enquanto o pai tentava tornar lucrativa a máquina de arroz em um lugar ainda nascente, Silvandira concluía o curso de normalista, em 1946. Ela e doze colegas formavam a primeira turma da Escola de Professores de Londrina, que funcionara improvisada inicialmente em duas salas emprestadas do Colégio Hugo Simas e acabaria sendo a origem do Instituto Estadual de Educação de Londrina (IEEL)⁴.

Na verdade, aquela turma só se tornou realidade por causa da insistência das jovens, que não aceitavam e não se conformavam com o fim da linha nos estudos para meninas quem concluía o ginásio naquela Londrina dos anos 1940.

Até a poetisa Helena Kolody (1912-2004), que lecionara durante 23 anos na Escola Normal de Curitiba dera uma força para a criação do curso em Londrina. Ela amava ser professora e havia sido normalista também.

Sabendo da vontade daquelas meninas de Londrina, que sonhavam ser professoras, intercedeu junto ao governo do Paraná pedindo a criação da Escola na mais pujante cidade do Norte do Estado.

Dessa forma, Silvandira experimentava mais uma experiência pioneira em educação. Estudara no Mãe de Deus em 1937, apenas um ano depois de a escola de freiras alemãs ser fundada; depois foi da primeira turma ginásial do Londrinense e da primeira turma da Escola de Professores.

“Não tinha jeito. Eu estava mesmo fadada a seguir pelos trilhos da educação”, ela comenta, sorrindo.

A festa de formatura, que transformava as normalistas oficialmente em professoras, foi com requinte, em dezembro de 1946, no mais importante espaço social da época: o salão do Grêmio Literário e Recreativo Londrinense.

Já no ano seguinte Silvandira passou a dar aulas para alunos do primário, na Escola de Aplicação, que funcionava no prédio que atualmente abriga o Colégio Marcelino Champagnat.

Silvandira continuava morando na casa do tio Spartaco. Brevemente ela teria sua própria casa, pois, no mesmo ano de 1947, viria outro acontecimento importante para ela: o casamento.

No ano anterior, conhecera um rapaz vindo de Bauru, interior de São Paulo, para trabalhar, com apenas 20 anos de idade, na primeira agência do Banco do Brasil em Londrina. Esequiel Garcia de Almeida era o nome do moço educado, inteligente e bonito.

Como era comum naquela época, o namoro foi breve, resultando rapidamente em casamento. Silvandira tinha recém-completado 19 anos quando mudou de estado civil.

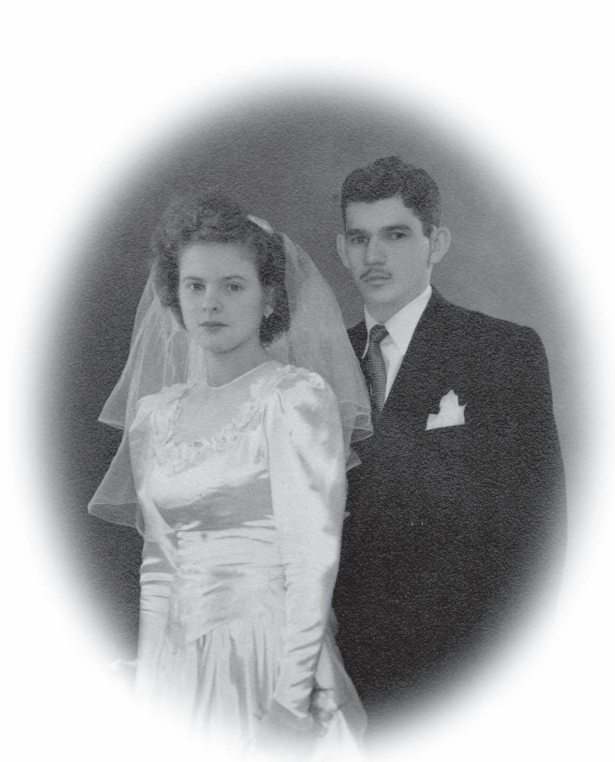
Remo simpatizou com o genro, não colocando obstáculos e dando a sua bênção. Também não se importou de transferir para o pai, Primo, a honra de conduzir a noiva até o altar.

Assim, aquele veterano da Primeira Guerra Ítalo-Etíope, já com 72 anos de idade, entrou de peito estufado na antiga matriz de Londrina, de braços dados com a neta, no dia 18 de setembro de 1947.

“Foi uma cerimônia rápida, sem festa na sequência. No dia anterior, depois das formalidades do casamento civil no cartório, fizemos um jantar para os amigos e parentes. Isso porque, depois da igreja, teríamos que ir rapidinho para o aeroporto. Tinha horário para embarcar no avião para a lua-de-mel em Curitiba. Era chique ir à capital”, relata Silvandira.

Antes do voo, porém, uma breve passagem no Foto Estrela para um retrato do casal. Na foto, Silvandira tem um rosto muito sereno e olhar penetrante. Esequiel exibe um meio-sorriso e um bigode à Clarck Gable (1901-1960). Os dois jovens, com muita coisa para construir.

Pouco tempo depois, Esequiel faria sociedade com Remo para mais uma empreitada pioneira e cafeeira.



O casal Silvandira e Esequiel

-
- 1 – Humberto Puiggari Coutinho – Londrina 25 anos de sua história – Universal, 1997.
 - 2 – Irineu Pozzobon – A epopeia do Café no Paraná – Grafmarke, 2006.
 - 3 – Lucas Mores – Desastres agrícolas na cafeicultura do Norte do Paraná: notas sobre a geada de 1975 – CIH/UEM, 2017. Disponível em <http://www.cih.uem.br/anais/2017/trabalhos/4146.pdf>
 - 4 – Maria Elena Bonsanino – Mulheres de Londrina – Pilares de uma cidade – Kan Editora, 2017.

10. SPARTACO PÕE UM STUDEBAKER NA PRAÇA

Pouco depois de terminar a sociedade da serraria, Spartaco concluiu que era momento de ele também buscar novos rumos, fazendo a venda para o senhor Vieira e fixando moradia em Londrina.

Com o dinheiro, montou um bar, que chamou de “Soberano”. Funcionava na Rua Pernambuco, quase esquina com Sergipe. Pouco tempo depois, transferiu o estabelecimento para a Duque de Caxias, na Esquina com a Rio Grande do Norte, mantendo o nome.

Homem de hábitos refinados para a época, Spartaco era um artista. Sem nunca ter frequentado escolas de música, tocava violão muito bem e não decepcionava em outros instrumentos, como violino e banjo.

“Até de serrote ele tirava som”, conta o filho Airton, que herdou do pai o talento musical. É trompetista. “O serrote que eu digo é a ferramenta mesmo, de cortar madeira. Meu pai tinha uma técnica para tirar notas afinadas da lâmina”, completa.

Participando da conversa, Alderi emenda. “Papai também pintava

muito bem e dominava os trabalhos manuais, especialmente com madeira, o que era uma característica dos Ferrarese.”

O próprio Alderi mantém o talento dos trabalhos manuais e das pinturas, sendo capaz de fazer retratos a lápis. Um deles, ainda jovem, da então namorada Eveti, ele fez como prova de amor para a mulher que seria sua companheira da vida toda.

Porém, o Soberano não dava o dinheiro necessário para um homem sustentar família com três filhos. Spartaco vendeu o bar e todo o grande terreno que havia em volta para investir em uma profissão com certo glamour na cidade: motorista de táxi. Ou chofer de praça, como se dizia na época.

As ruas centrais já ganhavam calçamento com paralelepípedos, facilitando a circulação de automóveis. A cidade se expandia, as distâncias aumentavam e tudo indicava que cada vez haveria menos barro e poeira.

Era o finalzinho da década de 1940 e o prefeito era Hugo Cabral (1889-1962), que ocupou o cargo de 1947 a 1951. Um Cearense, de Quixadá, fluente em francês e inglês, que formara-se em agronomia e havia cursado a Academia de Comércio do Rio de Janeiro¹.

Visionário, Cabral contratou os arquitetos Vilanova Artigas (1915-1985) e Carlos Cascardi (1918-2010) para construir uma imponente Estação Rodoviária para Londrina.

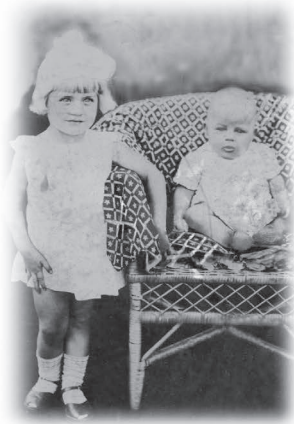
Os dois já trabalhavam na cidade na construção do moderno edifício Autolon (1948-1951) e do Cine Ouro Verde (1948-1952). De sertaneja, a cidade ia tomando ares de moderna.

Por isso, Spartaco investiu pesado para se destacar ante aos poucos concorrentes motorizados. Comprou um Studebaker, novinho, que chegou, vindo de São Paulo, encaixotado. Muitos diziam que o

carro, com visual futurista e considerado luxuoso, era o mais bonito da cidade.

“Então, papai passou a rodar com aquela máquina, transportando passageiros para todos os lados. Porém, ele tinha um problema sério: um coração enorme. Qualquer passageiro que dizia não poder pagar pela corrida acabava ganhando um transporte gratuito. É claro que fazendo tanto fiado o empreendimento fracassou e ele desistiu de ser taxista”, relata Airton.

Em 1950, nasce Áurea. Assim, Spartaco e Mercedes chegavam aos quatro filhos. E ele pega todas as economias para investir em uma propriedade cafeeira na região do atual município de Jaguapitã, também no Norte do Paraná.



Altair e Alderi (1945)



Airton, Altair, Haydee e Alderi (1947)



Airton, Alderi e Altair (1949)



Maria, Remo e Aurea (1951)

Porém, a exemplo do que já havia acontecido com o irmão mais velho em Irerê, Spartaco seria mais uma vítima das geadas. A de 1953, uma das mais intensas, atingiu fortemente os cafeeiros que ele havia comprado. De acordo com reportagem de Widson Schwartz, publicada na Folha de Londrina em 2015, 58% dos cafezais paranaenses foram “queimados” naquele ano².

“Quando vieram de Bragança, meu pai e o tio Remo trouxeram dinheiro suficiente para bons investimentos no nascente Norte do Paraná, onde tudo ainda estava por acontecer. A serraria que fundaram ocupava todo um quarteirão e tinha até colônia de casas para os funcionários. Um belo patrimônio. Porém, sucessivas apostas em negócios que foram fracassando, culminando com a geada atingindo a lavoura em Jaguapitã e também com problemas pessoais, como desentendimentos entre ele e a minha mãe, colocaram-nos em uma situação financeira difícil. Por isso, ainda crianças, já começamos a trabalhar feito adultos”, detalha Alderi.

Menino de 11 anos ele arranhou o primeiro emprego formal em 1953, na gráfica do jornal Gazeta do Norte, dobrando o papel antes de entrar na impressora.

Altair foi trabalhar em um mercado e Airton arranhou emprego no ano seguinte, 1954, nas Casas Manela, uma loja de calçados. Abria a loja, limpava e fazia a reposição de mercadorias. Áurea ainda era criança demais para trabalhar.

O dinheirinho que os três ganhavam sustentava a casa em um tempo em que Spartaco havia deixado o lar, em busca de se encontrar – financeira e pessoalmente – Norte do Paraná afora.

Antes de cada um se encaixar em uma empresa, Mercedes e as três crianças já haviam trabalhado “catando café”, como se dizia na época. Era um trabalho que consistia em separar manualmente os grãos já colhidos, eliminando os que não estavam propícios para a venda.

Londrina estava no auge da efervescência do período do café, sendo chamada de “a capital mundial” desse produto. Entre o povo, dizia-se que “o dinheiro corria a rodo”. E a grana circulava mesmo.

A agência do Banco do Brasil na cidade, na qual trabalhava Esequiel, chegou a ser a quarta do País em movimento financeiro³.

O Censo de 1950 registrara 71.412 habitantes no município. Desses, 34.230 (47,9%) estavam morando na área urbana. Era o triplo de moradores na cidade em comparação com o levantamento populacional de 1940. Um caso raro de aumento de 300% de pessoas em um núcleo urbano em somente dez anos.

Em 1952, em uma pesquisa nacional, incluindo as capitais, Londrina mostrou-se a 15ª em arrecadação de impostos. Somente as exportações de café injetaram na economia da cidade 1,3 bilhão de cruzeiros³.

Mesmo assim, com tanto agito, a cidade continuava interiorana,

construída por gente trabalhadora e de hábitos simples. Não era raro que homens de roupas puídas e mãos calejadas possuíssem contas gordas nos bancos. Também era comum o fato de boiadas passarem pela área central, sendo conduzidas por peões.

Airton e Alderi quase foram vítimas de um estouro de boiada. O mais velho dos irmãos é que conta.

“Não me esqueço da data porque foi no dia 25 de agosto de 1954, o seguinte ao suicídio de Getúlio Vargas. Apresentei-me para trabalhar nas Casas Manela e fui informado de que comércio nenhum funcionaria naquele dia: ‘é feriado, o homem se matou’, foi o que me disseram. Encontrei o meu irmão e decidimos ir pescar no córrego Bom Retiro. Estávamos tranquilos, fisingando lambaris, quando ouvimos um barulhão, com peões gritando. Não tivemos dúvidas, subimos em uma mangueira. Em questão de segundos, dezenas de animais passaram pisoteando bem onde estávamos. Era boiada estourada. Escapamos.”

A boiada se foi. Do alto da árvore, os meninos ficaram olhando, sem saber que a vida também é assim, com problemas que parecem infundáveis, mas que passam. Novos tempos viriam.

Atualmente, o córrego Bom Retiro fica próximo do centro de Londrina. Sufocado pelo concreto, está poluído e não tem mais lambaris.

1 – Widson Schwartz – Não admitia favores com o dinheiro público – Folha de Londrina, Caderno Cidades, 29/09/2012.

2 – Widson Schwartz – Geadas Negras – marco divisor na agricultura do Estado – Folha de Londrina, Caderno Especial, 12/07/2015.

3 – Widson Schwartz – Londrina 80 anos - Midiograf, 2014.

11. REMO DESBRAVA UMA NOVA TERRA

O final de 1947 transcorreu com felicidade para Silvandira e Esequiel. Ele trabalhando na movimentada agência do Banco do Brasil, ela dando aulas para as crianças do Colégio de Aplicação.

O primeiro filho do casal, Marcio José de Almeida, nasceu em 4 de março de 1949.

Remo continuava tocando a máquina de arroz em Santo Antônio, constatando que era muito serviço para pouco rendimento de dinheiro. Queria mudar de ares.

No banco, faziam-se negócios e falava-se de negócios o tempo todo. À frente da carteira agrícola, Esequiel estava sempre bem informado sobre os rumos que eram ditados para a economia da região.

Por causa da Segunda Guerra Mundial, a Companhia de Terras Norte do Paraná, de capital britânico, foi obrigada a se nacionalizar, em 1944, passando para o controle de um grupo de brasileiros. Alguns diretores foram mantidos, assim como o ideal de colonização feito de forma empresarial.

Partindo de Londrina, a empresa ainda tinha muitas terras para vender a Noroeste, mantendo o projeto inicial de uma grande cidade a cada 100 quilômetros, entremeadas por outras menores a cada 15 quilômetros aproximadamente.

Em 1950, a Companhia adquire mais 30 mil alqueires do governo do Estado, em uma região chamada de Gleba Umuarama. E a notícia chega a Esequiel por meio de Raimundo Durães, um corretor de terras que pegou um bom pedaço de chão para comercializar.

O projeto era fundar ali a quarta cidade projetada para ter mais de 100 mil habitantes do Norte do Paraná: Umuarama. As outras três eram Londrina, Maringá e Cianorte.

“Meu marido gostou da ideia de comprar um lote e propôs sociedade para o meu pai, que topou, mudando-se para lá quando Umuarama existia somente no papel”, relata Silvandira.

A “inauguração” oficial da cidade seria somente em 26 de junho de 1955, com a empresa colonizadora já adotando novo nome desde 1951: Companhia Melhoramentos Norte do Paraná¹.

Empolgados, construíram casa para Remo a esposa e os filhos dos dois. Primeiro provisoriamente de palmito, até que a madeira beneficiada chegasse mais de mês depois. Também levantaram moradias para os empregados, a maioria nordestinos, que chegavam de pau-de-arara fugindo da pobreza, desprovidos de tudo e assustados com as temperaturas do Paraná no inverno.

O transporte entre Londrina e Umuarama no início dos anos 1950 era totalmente precário. Não era possível ir de trem nem até Maringá, onde os trilhos só chegariam em 1954. De automóvel, era uma verdadeira proeza. O melhor mesmo era recorrer aos aviões monomotores, os famosos teco-tecos.

Instalado, Remo passou a formar o seu cafezal. Mais uma vez o sonho de ganhar dinheiro com o “ouro verde” o impulsionava. Esequiel continuava no Banco do Brasil, sempre que possível voando ao encontro do sogro-sócio para levar mantimentos e outros itens essenciais para a sobrevivência em um lugar que em quase tudo lembrava a Londrina dos anos 1930, com a mata virgem sendo derrubada para ceder espaço às lavouras e gente sonhadora e trabalhadora chegando em busca de riqueza.

Até onça, que nunca chegara tão perto antes, em Umuarama roubou um leitão do pequeno chiqueiro que Remo mantinha. Só deu tempo de ouvir os gritos do suíno e de ver o vulto do felino arrastando a presa para a mata.

Certamente ele se recordou de todo aquele processo que havia vivenciado anos antes, sendo pioneiro ao lado do irmão com a serraria. Aliás, no tempo em que passou longe de casa, Spartaco passou brevemente por Umuarama, ficando junto de Remo.

Porém, apesar da boa experiência anterior que haviam vivenciado, não consta que tenham pensado em voltar a beneficiar madeira.

“Papai e Esequiel estavam realmente empenhados em ser produtores de café. E fizeram tudo corretamente para que a empreitada fosse bem-sucedida. Cuidaram de cada uma das plantas como se cuida de bebês, contando com a ajuda daqueles valentes homens nordestinos, que se enrolavam em cobertas corta-febre nos dias de frio”, destaca Silvandira.

Mas a geada de 1953, que atingiu a lavoura de Spartaco em Jaguapitã, também seria inclemente com os cafezais de Umuarama. Ainda antes de produzir a primeira safra, os cafeeiros de Remo e Esequiel foram danificados pela onda de frio. Um prejuízo enorme e a constatação de que seria besteira insistir.

Desistiram da propriedade rural, passando adiante as terras. Remo tomara gosto por lugares nascentes, em colonização, e decidiu que ficaria morando mesmo em Umuarama. Poderia voltar para Londrina ou até rumar para São Paulo, onde ainda estavam os pais e os irmãos, porém, ali naquele lugar interiorano levaria uma vida mais ao seu estilo. Silvandira se recorda:

- Ele gostava de caçar, pescar e de fazer as suas artes em madeira. Em Umuarama tudo isso era possível. Mais tarde ele ganharia, do Marcio, um pequeno torno, o qual instalaria na casa em que passou a viver e por ali ficaria, fabricando as mais diversas utilidades em madeira.

Uma foto daquele tempo mostra Remo brincando com a sobrinha Áurea, erguendo a menina com os braços, enquanto dona Maria tece uma rede de pesca.

Constantemente, pescava no Rio Ivaí, que passa a menos de cem quilômetros ao Norte de Umuarama. Também recolhia todo bom pedaço de madeira que encontrava e levava para casa, fazendo bonitas peças para uso doméstico. Várias foram dadas de presente para a filha, que as conserva com carinho.

Voltando um pouco no tempo, em meados de 1952 eram evidentes os sinais de que Silvandira estava grávida novamente. Márcio ganharia um irmão ou uma irmã.

A mãe dele continuava dando aulas, às vezes deixando o menino aos cuidados de vizinhos ou até o levando junto para o serviço. Era quieto e ficava com a zeladora ou com a diretora enquanto Silvandira ensinava os seus pequenos alunos do primeiro ano primário.

Conforme a gravidez foi se adiantando e a barriga crescendo, crescendo e crescendo; a ginecologista Iolanda Skowronek achou que tinha algo fora do normal. Sem dispor dos aparatos tecnológicos atuais,

como aparelho de ultrassonografia, recomendou a Silvandira que fizesse um raio-X.

A imagem do exame mostrou que eram duas crianças, gêmeos! E quando nasceram, em 19 de dezembro daquele ano, Silvandira e Esequiel descobriram que davam a Marcio, de uma vez, um irmão e uma irmã: Marcos e Maria Inês.

Sem parentes por perto que pudessem ajudar a cuidar das crianças, a professora teve que pedir um ano de afastamento. Quando o período de licença acabou, concluiu que ainda não dava para voltar a lecionar. Agora teria que levar três filhos juntos em vez de apenas um. Pediu mais um ano, sem vencimentos.

“Após esse tempo, concluí que não seria mesmo possível voltar. Na década de 1950 não havia creches, nem outros estabelecimentos que ficassem com crianças para as mães trabalharem. Assim, dediquei-me à família”, explica Silvandira.

1 – Companhia Melhoramentos Norte do Paraná - Colonização e Desenvolvimento do Norte do Paraná – Depoimentos sobre a maior obra do gênero realizada por uma empresa privada – Caderno comemorativo da CMNP, 2003.



Remo a caminho de uma pescaria no Rio Ivaí. (1950)



Remo com o neto Marcio



Rubens, Esequiel, Remo com amigos em Londrina, junto com os empregados do sítio.



D. Maria na casa do sítio de Umuarama

12. O ADEUS DE PRIMO

Quando os gêmeos nasceram, Silvandira e Esequiel estavam morando na Rua São Salvador, muito perto do colégio onde ela trabalhava.

Silvandira tinha um amor especial pelos nonnos. Emma verdadeiramente fora mãe para ela, que ficou órfã tão cedo.

Por isso, em agosto de 1954, programou uma visita a eles, que estavam morando em São Paulo, no bairro da Lapa. Os dois já haviam conhecido Marcio, porém ainda não tinham visto Marcos e Maria Inês.

Embora Londrina estivesse crescendo vertiginosamente, a capital paulista já era assustadoramente grande naquele tempo. O censo de 1950 registrou 2.151.313 habitantes na cidade¹.

Entre toda essa gente, milhares de imigrantes. O próprio bairro da Lapa era uma confluência de gente oriunda de diversos países europeus, sobretudo Portugal, Itália e Espanha. Todos vivendo em harmonia, em clima de cidade do interior no meio da metrópole. Primo e Emma se sentiam bem ali.

Nascido no primeiro dia de 1875, Primo, estava com 79 anos de idade. Era um senhor bem-humorado, embora lutando contra a bronquite asmática e se recusando a falar com detalhes sobre o passado na Itália e da sua luta na Guerra da Abissínia.

Ele recebeu com alegria os netos. E a casa toda se encheu de conversas e de fartura na mesa, como é comum em morada de gente que veio da “velha bota”.

No entanto, no almoço do dia 6 de agosto de 1954, enquanto todos comiam, Primo teve um infarto fulminante, morrendo de uma vez na frente da família toda.

Entendemos que ele cumpriu a sua missão. Sobreviveu a uma guerra, viu-se sozinho sem a família, imigrou sem perspectivas, trabalhou duro, praticamente passou necessidade nos primeiros anos em Bragança. Mas para os filhos nunca deixou faltar carinho e amor e venceu, uma a uma, todas as adversidades. Primo Ferrarese foi um bom homem. Um entre milhões de imigrantes que construíram o nosso Brasil.”.

1 – Prefeitura de São Paulo – População recenseada de São Paulo e municípios, disponível em http://infocidade.prefeitura.sp.gov.br/htmls/7_populacao_recenseada_1950_10552.html

Romão Rômulo Iolanda Remo Spartaco Mafalda Aldo Armanda



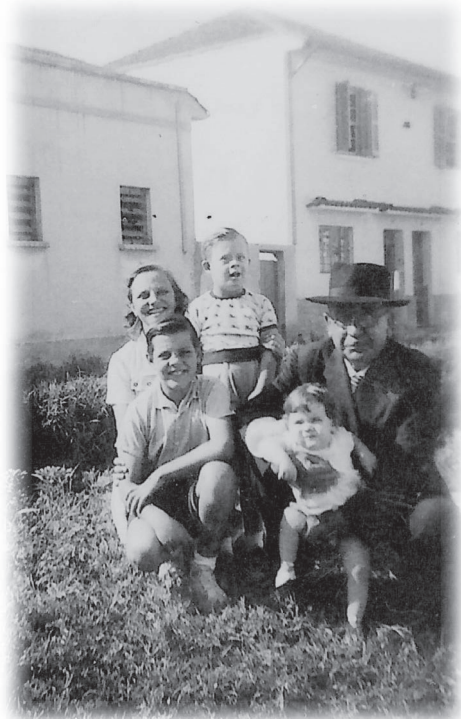
María Angela

Emma

Aldinho



Armanda e Primo



Primo e Armanda com Roney,
Reny e Maria Angela

13. O CONEXÃO LONDRINA-UMUARAMA

Com Remo morando em Umuarama, eram constantes as viagens de Silvandira, Esequiel e as crianças para vê-lo. Depois de 1953 já dava para ir de jipe.

Atualmente, a ligação rodoviária entre as duas cidades, totalizando 260 quilômetros, é toda asfaltada, com estrada muito boa, duplicada, de Londrina até Maringá. Dali para frente, estrada simples, cheia de curvas e motoristas imprudentes, com promessa antiga de duplicação.

Mas na década de 1950 não havia asfalto. Tudo era barro ou poeira, dependendo das condições climáticas. Também não existia ponte sobre o Rio Ivaí, que precisava ser cruzado utilizando uma balsa, mais ou menos 60 quilômetros depois de Maringá.

O problema é que ela ia para o outro lado às 7h, no comecinho da manhã, quando chegava o ônibus vindo de Londrina. Quem chegasse depois do ônibus tinha que esperar horas por outra possibilidade de travessia.

Por garantia, a cada vez que iam a Umuarama, saíam de casa de madrugada, calculando chegar à balsa às 6h30, meia hora antes da partida.

Mesmo assim, algumas vezes se atrasaram e tiveram que ficar na beira do rio, sem nenhum conforto, com as crianças reclamando, esperando que a embarcação fosse até o outro lado, ficasse cheia de veículos e voltasse. “Verdadeiras peripécias”, comenta Silvandira.

Do outro lado da barranca até Umuarama, percurso de mais de 100 quilômetros, a estradinha era uma verdadeira picada no meio da mata virgem. Encalhes eram constantes. A fama do trecho era péssima. E foi nela que o escritor Domingos Pellegrini se inspirou para escrever o premiado conto “O Encalhe dos trezentos”, que se inicia assim:

“O Encalhe dos Trezentos começou às seis horas da manhã ainda escura de 11 de agosto de 1958, no atoleiro do quilômetro 60 da Cianorte-Cruzeiro do Oeste, naquele tempo a estrada mais traiçoeira e mal falada do Brasil. Um Fenemê com carga de peroba meteu o peito na lama empoçada e bambeou de lado, as rodas traseiras patinaram esguichando e as duas da direita afundaram na valeta coberta pela enxurrada. O motorista não se deu nem ao trabalho de descer: aproveitou que ainda estava de sapatos secos – lá fora a chuva engrossava as enxurradas – e cruzou os pés no painel, acendeu um cigarro e deixou chover; que chovesse; que os troncos de peroba virassem esponja na carroceria. Ele sabia: aquele atoleiro só secava com sol de estalar mamona; e peroba não é carga de mofar com chuva.^{1”}

Os Ferrarese também ficaram presos em encalhes, no entanto, tudo valia a pena. Marcio tem boas lembranças das caçadas, pescarias e outras “aventuras” com o avô.

“Ele me levava para caçar macucos (ave de grande porte, chegando

e medir 52 centímetros e a pesar mais de 1,5 quilo), para pescar em um riachinho e pedia a minha ajuda para plantar amendoim, colocando dois ou três grãos em cada cova e depois raspando com o pé na terra para cobri-las. São coisas que ficam para sempre na mente e no coração de um menino.”

Em Londrina, nessa mesma época, Spartaco voltou para a casa, para a alegria dos filhos, que se orgulhavam da letra bonita e firme com que ele assinava os documentos e boletins escolares.

Contudo, mesmo com o pai de volta, os três mais velhos continuariam trabalhando. Já estavam se encaminhando profissionalmente.

E o homem foi dar um jeito de ganhar dinheiro, arranjando um terreno onde atualmente se encontram as ruas Tembés com Amapá, muito perto de onde funcionara a pioneira serraria, e cercando todo o espaço para criar frangos, que ele saía a vender.

Depois, arrendou uma marcenaria na Rua Maranhão, voltando a mexer com madeira, o que sabia fazer muito bem. Durante alguns anos tocou o estabelecimento.

Mais tarde, pela primeira vez trabalhou como empregado, auxiliando um engenheiro, chamado Joaquim Carvalho, que estava desenvolvendo uma catadeira eletrônica de café, com célula fotoelétrica que detectava o grão preto, sendo assoprado logo adiante por um bico que disparava ar.

“E o equipamento, que tinha um princípio simples de funcionamento, porém era tecnologia até avançada para uma época em que se ‘catava’ o café de maneira manual, como nós já havíamos feito, ficou pronto. Deu certo”, relata Alderi.

Em 1958, Silvandira e Esequiel teriam mais uma filha. Maria Eneida nasceu em 3 de julho.

Spartaco estava definitivamente estabelecido em Londrina, cidade que estava consolidada como polo regional e continuava a crescer.

Remo tocava a vida com suas artes em Umuarama, que viria a se tornar município em 1960. A expansão colonizadora agora se concentrava naquela região e teria sucesso. O lugarejo onde o imigrante italiano fez o seu rancho de palmito e abriu uma roça de café no começo dos anos 1950, cresceu a olhos vistos e chegou a 2017 com população estimada pelo IBGE de 109.955 habitantes.

Os dois irmãos talvez não se tenham dado conta do momento histórico que viveram e que ajudaram a construir. A colonização do Norte do Paraná, primeiro tocada pela Companhia de Terras e depois continuada pela Companhia Melhoramentos foi uma das maiores do mundo em tamanho e rapidez.

Os números comprovam isso. A publicação “Colonização e Desenvolvimento do Norte do Paraná – Depoimentos Sobre a Maior Obra do Gênero Realizada por uma Empresa Privada”, lançada em 1975 pela Companhia Melhoramentos Norte do Paraná registrou o seguinte:

“No total, a Companhia Melhoramentos Norte do Paraná colonizou uma área correspondente a 546.078 alqueires de terras, ou 1.321.499 hectares, ou ainda cerca de 13.166 quilômetros quadrados. Fundou 63 cidades e patrimônios, vendeu lotes e chácaras para 41.741 compradores, de área variável entre 5 e 30 alqueires, e cerca de 70.000 datas urbanas com média de 500 metros quadrados.”²

1 – Domingos Pellegrini – O homem vermelho – Editora Leitura, 2007.

2 – Companhia Melhoramentos Norte do Paraná - Colonização e Desenvolvimento do Norte do Paraná – Depoimentos sobre a maior obra do gênero realizada por uma empresa privada – Caderno comemorativo da CMNP, 2003.

14. OS ANOS 1960

Em 1960, a população de Londrina chegou a 134.821 habitantes. A maioria – 77.382, o que corresponde a 57,4% - vivendo na área urbana¹.

Já era uma cidade importante, muito diferente do lugarejo cercado de mata que Remo, Spartaco, Primo, Emma e Silvandira haviam conhecido na década de 1930.

Os cafezais haviam de alastrado, chegando ao Oeste do Estado, fazendo com que no biênio 1961/62 o Paraná colhesse 21,4 milhões de sacas, correspondendo a 28% da safra mundial².

Para os Ferrarese, a década foi de acontecimentos importantes. O mais triste deles foi a morte de Emma, no dia 24 de junho de 1964, praticamente dez anos depois do marido.

Naquele momento, Silvandira sentiu a dor de quem perdia uma mãe. Aquela senhora que havia nascido em 1878, em Valle San Felice, a criara com amor. Emma fora corajosa ao deixar a Itália ao lado de Primo, em busca da família dele em uma pátria distante, abrindo a mão do convívio com seu próprio clã.

Enfrentou as dificuldades de fazer, grávida, a travessia do oceano e de remediar as exigências das crianças nos tempos mais difíceis. Depois, no sobradão, fazia tanto pão que precisava da adaptação feita pelos filhos para ter máquina que sovasse a massa. Não era mulher de fugir das labutas e nem de ter medo do novo, aceitando deixar o conforto de Bragança para se embrenhar na Londrina nascente.

Mas também houve alegrias. Alderi, conseguiu emprego melhor, trocando a gráfica do jornal pela Companhia de Automóveis Mairink Góes, como office-boy, permanecendo ali de 1959 a 1964, até ir para São Paulo fazer um curso pré-vestibular para tentar uma vaga em Física, na Universidade de São Paulo (USP).

“Eu queria ficar perto da família e da Eveti, que eu já estava namorando desde 1963. Felizmente, coincidiu de eu passar em um concurso do Banco do Brasil, em 1966. Voltei para o Norte do Paraná”, ele conta.

Como sempre fora um bom aluno do Colégio Vicente Rijo, sobretudo na área de exatas, Alderi foi convidado a dar aulas no colégio, mesmo ainda não tendo faculdade.

“Naquele tempo havia esse tipo de contratação como ‘suplementarista’. E fui dar aulas à noite, para alunos mais velhos do que eu. Naquele momento, encantei-me com a educação”, explica o filho de Spartaco.



Emma e Márcio (1950)

Em setembro de 1967, ele e Eveti se casaram. Curiosamente, ela era filha de um imigrante japonês e de uma mulher de ascendência italiana, em um tempo em que não era comum os nipônicos se casarem com pessoas de fora da colônia oriental.



Casamento do Alderi e Eveti - Kiyoshi e Pedrina (pais da Eveti), Eveti, Alderi, Mercedes e Spartaco (16/09/1967)

No ano seguinte, em dezembro, já veio a primeira filha, Elaine Regina. A rotina do casal era apertada. Alderi relata:

“Eu trabalhava na agência do Banco do Brasil em Assaí, a 50 quilômetros de Londrina. Dava aulas de manhã até uma certa hora, daí pegava o ônibus e ia para lá. Trabalhava no Banco e depois voltava para dar aulas para a turma da noite. Saía de casa quando o sol nem bem

havia aparecido e voltava quando já era noite. Eveti segurava a barra com as crianças.”

Em setembro de 1971 nasceu Rodrigo Luiz e, em outubro de 1974, Verlaine Cristina, coincidindo com o período em que o pai, além das outras atribuições também fazia faculdade, integrando a primeira turma do curso de Matemática da Universidade Estadual de Londrina (UEL).

Mas, um pouco antes, em 1969, Alderi havia se juntado a um grupo de acadêmicos, a maioria estudantes de Medicina, para fundar um curso pré-vestibular. Nascia o Universitário, que se tornaria colégio em 1973 tendo à frente da administração Alderi e mais três sócios.

A instituição se consolidaria como uma das mais importantes da cidade e detentora de alta qualidade de ensino.



Spartaco com a neta Elaine

1 - Prefeitura de Londrina - Evolução da população residente no Município de Londrina - 1940/2000 - disponível em http://www.londrina.pr.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=163&Itemid=66

2 - Irineu Pozzobon - A epopeia do Café no Paraná - Grafmarke, 2006.



Alderi, Eveti, Altair, Joaquim, Aurea, Mercedes, Marcia, Spartaco, Elaine e Mirian (1969)



Marcia, Selene (mãe da Mercedes), Elaine, Mercedes, Claudia e Mirian



Mercedes e Spartaco (1976)



Pedrina e Kiyoshi Sodeyama, pais da Eveti (1970)



Spartaco com as netas Marcia,
Mirian e Elaine



Spartaco e Mercedes com a família (1978)



Três Ferraresi, Spartaco, Eduardo (filho do
Airton) e Rodrigo (filho do Alderi) 1978



Rodrigo, Eveti, Elaine, Alderi e Verlaine (1978)



Silvandra, D. Maria, Remo e os bisnetos Luana e Lucas



Remo e os bisnetos André e Marcelo



Em Umuarama, Maria Inês, Remo, D. Maria, Odete e Silvandra



Posse como deputado. Esequiel, Remo, Silvandira, Marcio, Henriqueta, Marcelo e André. (1982)



Silvandira e os netos, Marcelo, Lucas e André



Henriqueta e Marcio



Marcio e Henriqueta com André e Marcelo

15. A GRANDE MUDANÇA DO NORTE DO PARANÁ

É verdade que, depois daquela safra enorme de 1961/1962 o café vinha perdendo, lentamente, a sua força no Paraná. Os grandes estoques derrubaram os preços, apareceu a praga da ferrugem, a legislação trabalhista passou a ser aplicada também na área rural e a soja começou a ganhar o espaço dos cafezais.

Mesmo assim, até 18 de julho de 1975 o café ainda comandava a economia do Norte do Paraná e tinha grande importância para as finanças estaduais. Eram 900 milhões de pés de café, que correspondiam a 32% da produção brasileira.

Porém, de todos esses cafeeiros nada seria colhido na safra seguinte. Uma geada severa, na madrugada do dia 17 para o dia 18 atingiu toda a região produtora. Era a geada negra, tão intensa que congela a seiva no interior das plantas, deixando-as escurecidas, pretas, com aspecto de queimadas.

O frio sem precedentes foi provocado por uma grande massa polar, que pegou todo o Brasil, do Sul para o Norte, conforme noticiou a Folha de S. Paulo daquele 18 de julho, tendo como fonte o 8º Distrito de Meteorologia de Porto Alegre.

A manchete da Folha de Londrina de 19 de julho era emblemática e sintetizava o drama da situação: “Não sobrou um único pé de café.”

Irineu Pozzobon registrou os impactos daquele fenômeno regional no mercado nacional e mundial. “O mercado físico de café paralisou e a Bolsa de Nova Iorque registrava alta de 900 pontos, limite permitido. O governo, através do IBC, expediu ‘resolução’ suspendendo o registro de declarações de venda do café até o levantamento dos danos causados. Os prejuízos para o café foram estimados em US\$ 4 a 4,5 bilhões.¹”

No entanto, pior do que as cifras financeiras era o grave problema social causado pelo êxodo rural. O povo que vivia trabalhando na lavoura de café foi morar na cidade.

Em 1970, a população total de Londrina era de 228.101 habitantes, com 163.528 deles na área urbana. No Censo seguinte, de 1980, os efeitos da geada seriam muito notáveis. Londrina chegava 301.711 habitantes, com 266.940 vivendo na cidade².

Em apenas uma década, mais de cem mil pessoas chegaram para residir na área urbana de Londrina. Um crescimento de 63,2% na população da cidade. Enquanto isso, no mesmo período, o número de moradores do campo diminuiu 46%³.

É nesse contexto que surgem os grandes conjuntos habitacionais populares na Zona Norte da cidade, onde estão as ruas Remo e Spartaco Ferrarese.

Antes disso, em 1968, Marcio, o filho mais velho de Silvandira foi aprovado em Medicina, em Manaus, na Universidade Federal do

Amazonas (UFAM). Depois, conseguiria transferência para a UEL e prestaria serviços para a cidade onde seu avô fora pioneiro.

Depois de cursar três anos de Medicina em Manaus, Marcio conseguiu transferência para a UEL, concluindo a faculdade em 1973. Em seguida foi se especializar, fazendo residência em Medicina Social na Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ).

Em 1977 aceitaria o convite do então prefeito Antônio Belinati para ser secretário de saúde de Londrina. Um desafio enorme, com um processo de favelização acontecendo nas periferias por causa do êxodo rural e o povo carente de muita coisa, inclusive de acesso à saúde pública.

Curiosamente, quando foi implantar o posto de saúde no distrito de Irerê, o então secretário de saúde, neto de Remo, recorreu a um imóvel da Prefeitura, de madeira, que havia sido fornecida pela pioneira serraria Ferrarese quando aquele lugar ainda se chamava Marrecas.

Pelas vilas mais antigas de Londrina, ainda existem muitas casas de madeira. Certamente, diversas delas são oriundas do trabalho de Remo e Spartaco. Porém, a melhor herança que eles deixaram para a cidade são seus filhos, netos e bisnetos, que continuam morando na terra vermelha e trabalhando para que ela cresça ainda mais.

1 - Irineu Pozzobon – A epopeia do Café no Paraná – Grafmarke, 2006.

2 e 3 – Prefeitura de Londrina - Evolução da população residente no Município de Londrina – 1940/2000 – disponível em http://www.londrina.pr.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=163&Itemid=66

16. ADEUS, SENHORES PIONEIROS

Quando já tinha mais de 80 anos, Remo começou a sentir dificuldade para enxergar, afetando-lhe na prática de fabricar seus artefatos de madeira. Era a catarata, problema ocular que vai deixando a visão opaca.

Decidiu ir a São Paulo, pedindo que a irmã Armanda lhe indicasse um bom médico que pudesse resolver o problema com cirurgia. Ela arranhou um oftalmologista que operava muito bem.

Porém, Remo estava gripado. Espirros que ele deu depois da cirurgia teriam comprometido o sucesso do procedimento, causando-lhe a perda total de uma das vistas, apesar de todo o tratamento que foi feito no pós-operatório.

Assim, perdia também a noção de profundidade para enxergar, mas não o talento para trabalhar com madeira. Continuou caprichoso, fazendo trabalhos que encantavam, como as gaiolas para passarinhos que dava para o sobrinho Airton.

“Era tudo muito bem trabalhado, com detalhes, causando inveja nos meus amigos que tinham gaiolas de arame”, ele conta.

Quando chegaram os turbulentos anos 1980, das inflações galopantes, Remo estava já em uma fase mais tranquila de sua vida, morando em Umuarama com Dona Maria, alegrando-se quando recebia a visita dos bisnetos que moravam em Londrina e com a companhia de Fernanda, que ele tinha como neta do coração. A menina era filha de Odete, que havia se casado com Ariovaldo.

Nascido em 1980, André Almeida, filho de Márcio, esteve na Itália em 2002, estudando e aproveitando para conhecer a região do Trento, de onde o bisavô viera ainda criança. Empolgado com tudo o que viu e com as lembranças que lhe afloraram, o rapaz escreveu um belo artigo, *Mamma Mia*, do qual destacamos um trecho sobre Remo:

“Lembro-me da sua casa de madeira em Umuarama, dos tabuleiros e das peças dos jogos de dama e de xadrez que ele fazia no pequeno torno que tinha nos fundos da casa. Foi com ele que aprendi a jogar dama. As partidas eram acompanhadas por expressões como “*porca miséria!*”, “*bela roba!*” e muitos “*mamma mia!*”.

Irmão de André, quatro anos mais velho, Marcelo também se lembra das artes em madeira do nonno. Porém, ficaria na sua memória um outro fato. Ele narra:

“Ele gostava muito de cuidar dos beija-flores que apareciam na casa dele. Colocava daqueles copos de água com açúcar na varanda e na árvore que havia na calçada. Era impressionante a quantidade e a diversidade de beija-flores que vinham. O nonno ficava ali, observando e conversando com eles, por horas. Adotamos o hábito de fazer o mesmo na nossa casa em Londrina.”

Em 1982, Marcio foi eleito deputado estadual. Remo foi à posse, em Curitiba. Estava orgulhoso. Não se metia em política, mas gostava de acompanhar o que estava acontecendo. Informava-se. Em uma foto de

1984, na sua festa de aniversário de 80 anos, aparece de chapéu e com a camiseta amarela com a inscrição “Eu quero votar para presidente”. Era a fase das “Diretas Já”.

Na mesma época, Spartaco havia se fixado em Londrina, morando na região do aeroporto da cidade, no Jardim Califórnia.

Desde 1976 enfrentava um câncer de carótidas, fazendo longo tratamento. Mesmo assim, continuava ativo, irrequieto. Não gostava de ficar parado. E mostrava-se satisfeito por ver que os filhos estavam todos bem estabelecidos e que os netos haviam chegado e continuavam chegando. Seriam 12 no total.

A última sessão de radioterapia para o tratamento de câncer seria realizada em dezembro de 1986. Porém, Londrina já tinha os problemas de uma cidade grande, como trânsito violento.

Em outubro daquele ano, estava arrumando a pia da cozinha. Faltou cimento e ele montou em seu Fusca para ir a um depósito de materiais de construção do bairro. Não chegou até lá. Um caminhão carregado de lenha, procedente do município de Mauá da Serra, cruzou uma preferencial, atingindo o carro de Spartaco.

Ele foi para o hospital em estado grave. Morreu no dia 30, aos 70 anos.

“Papai foi um homem intenso em tudo o que fez. Deixou um legado de trabalho e amor à vida. Foi importante na história de Londrina”, comenta Airton.

Remo entristeceu-se com a partida do irmão mais novo. Ele mesmo não estava bem de saúde, por causa de um enfisema pulmonar.

Dois anos depois, em 1988, Marcio já não era mais deputado estadual e havia sido aprovado em concurso para professor do curso de Medicina da Universidade Estadual de Londrina (UEL), dando aulas no

Hospital Universitário Regional do Norte do Paraná, para onde o avô dele foi levado quando a doença se agravou de vez.

Ele chegou em estado muito grave, já semiconsciente. Não havia muito o que o neto e os outros médicos pudessem fazer. Remo morreu em 23 de março de 1989, aos 85 anos.



Remo e D. Maria



Ariovaldo, Remo, Maria, Armanda, Odete, Esequiel e Mafalda, em Umurama

17. VALLE SAN FELICE

No dia 12 de maio de 2010, Silvandira teve um emocionante encontro com a história da Família Ferrarese. Acompanhada dos filhos Marcio e Maria Inês, da prima Maria Ângela, e de Velia e Fabio, dois descendentes da família Cimonetti -ou seja, da nonna Emma , ela chegou a Valle San Felice.

Como André escrevera em seu artigo *Mamma Mia!*, aquele lugar de onde Primo e Emma, com as crianças Rômulo, Remo e Yolanda, haviam saído em 1911 para viver no Brasil era um “paese (pequeno aglomerado populacional, de algumas dezenas de famílias, de formação urbano-rural, semi-isolado e com elementos culturais próprios que davam aos seus moradores a sensação de serem um verdadeiro país), localizado nas montanhas da comune de Mori, vizinha das cidades de Rovereto e de Trento, no centro do extremo norte do país, um pouco acima das províncias de Milão, de Verona e de Veneza.”

Àquele bucólico local, de casarões do século 19 e ruas de pedra onde atualmente vivem em torno de 360 pessoas, nenhum dos Ferrarese

que embarcou no vapor Raggio teve a oportunidade de voltar para uma visita, para um passeio de recordações. Por isso, Silvandira sabia que era preciosa aquela sua oportunidade de ver pessoalmente a casa na qual os *nonnos* viveram.

A experiência resultou em um livro, “Passeio a Vale San Felice I”, que ela escreveu a quatro mãos com Maria Ângela Bandini. Na obra, relataram:

“Avistamos logo a casa tantas vezes vista em fotos. Agora é real.”

“Estávamos ali vendo de perto um lugar muito agradável. Andamos pelas ruas, conversamos com várias pessoas.”

“Vimos a casa da Velia, onde ela nasceu. É conservada, sem reboque na pedra, como foi construída. Ao lado está a casa dos avós paternos, onde também a nossa nona viveu. Vizinha tem a casa dos avós maternos dela. Tudo muito bem cuidado.”

Quando resolveram deixar o país, Primo e Emma não venderam a casa na qual moravam. Deixaram-na, talvez com a esperança de voltar. Como nunca retornaram e, por isso, não pagaram os tributos, o poder público tomou o imóvel.

“Ainda assim nós falamos, em tom de brincadeira, que a casa é nossa, pois nunca foi vendida”, relata Silvandira.



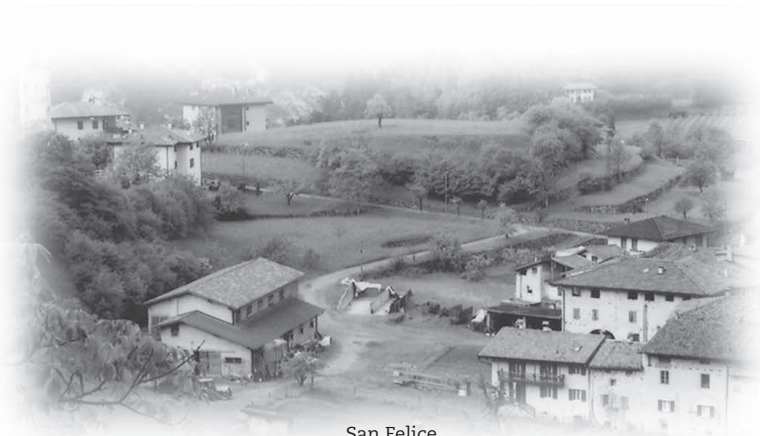
Casa do Primo e Emma, San Felice.



Velia, Silvandira, Maria Angela, Marino, Maria Inês e Fábio em Rovereto



Vista parcial de San Felice.



San Felice



Silvana, Velia e Fabio



Silvandira, Marcio e Maria Inês em Cavarzere



André, Silvana e Marcio

18. CAVARZERE

Em abril de 2011, quando se completaram os 100 anos da chegada de Primo, Emma e os filhos ao Brasil, teve festa em Londrina, no sítio de Alderi, reunindo os descendentes do casal, sobretudo os familiares de Remo e Spartaco.

Motivado pelo entusiasmo da confraternização e pela vontade de saber mais sobre as origens, em junho daquele mesmo ano, Alderi foi, com Eveti e a neta Júlia, à Itália.

Por muitas gerações os Ferrarese nasceram e viveram em Cavarzere, cidade que atualmente tem 14.021 habitantes¹ e fica a 53 quilômetros da turística Veneza.

“Foi onde nos instalamos, durante alguns dias indo de trem até Cavarzere”, relata Alderi.

No cartório da cidade, que começou a funcionar em 1856, eles encontraram o registro de Primo, nascido em 1876. Porém, quanto a documentos expedidos antes da fundação do cartório, obviamente ali nada havia. Indicaram a Igreja de São Mauro.

“Nessa igreja, tivemos péssimas informações. O Rio Ádige corta a cidade de Cavarzere. Em 1952, aconteceu uma grande enchente e a água chegou ao templo católico, alcançando mais de 1,5 metro e danificando seriamente os livros de registro que guardam os dados dos habitantes da cidade”, continua Alderi.

Mas o responsável pela guarda dos livros, um professor de história chamado Lino Buzato, depois de muita conversa e a doação de 600 euros para a paróquia, decidiu ajudar os londrinenses.

Durante mais de três meses, ele vasculhou os livros que não foram atingidos pela enchente. Chegou ao ano de 1760 e levantou todos os dados de Primo e seus irmãos, seus pais, avós e bisavós. Isso permitiu montar a árvore genealógica da família.

“O curioso é que tem muito Ferrarese em Cavarzere. Fizemos contatos com cinco famílias, buscando as nossas raízes. Mas nenhuma delas era de parentes nossos. O próprio Buzato era casado com uma Ferrarese que não possuía parentesco nenhum conosco. Com os documentos, ficamos sabendo que, em 1833, Luigi Ferrarese, avô de Primo, casou-se com Maria Tereza Ferrarese. Ambos, provavelmente, não eram parentes”, finaliza Alderi.

1 – Comune di Cavarzere – disponível em <http://www.comuni-italiani.it/027/006/>



Alder e Julia em Cavarzere



A rua principal de Cavarzere



A Igreja São Mauro em Cavarzere

19. EMMA CIMONETTI FERRARESE, A “NONNA”

A história dos Ferrarese, contada neste livro, tem Emma como uma das protagonistas. Em um documento italiano que Silvandira guardava, equivalente a uma certidão de nascimento, Emma, nascida em 12 de dezembro de 1878, aparece com o sobrenome Cimonetti. Porém na certidão de casamento com Primo, em 1902, consta Emma Girardelli. Seria Emma Girardelli Cimonetti ou Emma Cimonetti Girardelli? Esse é um segredo que ainda não desvendamos. O certo é que, depois do matrimônio, ela passou a assinar Emma Cimonetti Ferrarese.

Mulher de fibra e coragem, Emma merece um capítulo inteiro, para que possamos entender tudo o que contamos nos anteriores, quando relatamos que ela deixou seus próprios familiares para embarcar, grávida, ao lado do marido, para procurar os parentes dele no Brasil.

Na tradição oral da família, fatos importantes se preservaram das origens de Emma. Uma das netas, Maria Ângela Bandini, prima de Silvandira, é guardiã dessas memórias.

Maria Ângela relata que a avó era nascida no Vale San Felice, lugarejo rural da região de Trento, Norte da Itália. Filha de Antônio e Domenica, Emma tinha três irmãos: Henriqueta, Giuseppe e Luiz. Antônio morreu precocemente, vítima de sequelas de uma explosão em uma mina, onde ele trabalhava.

Viúva, Domenica voltou para a casa de sua mãe, encontrando nos parentes ajuda para terminar de criar os filhos naquele final de século 19, quando a região trentina ainda pertencia ao antigo império austro-húngaro. Somente em 1919 seria formalizada a anexação à Itália.

Para garantir sustento, todos trabalhavam, inclusive as crianças, às quais cabia, no inverno, armazenar estrume seco dos animais para servir de combustível, mantendo o fogo que os aquecia nos dias frios.

“No verão, trabalhavam no campo, cuidando dos animais, das hortas e das frutas, que eram quase sempre desidratadas e cristalizadas para suprir as necessidades no inverno”, relata Maria Ângela.

A menina Emma começava ali a ter o caráter forjado para superar, com muito trabalho, as dificuldades que mais tarde, ao lado de Primo, encontraria na própria Itália e no Brasil, criando e educando os filhos Remo, Rômulo, Yolanda, Mafalda, Romão, Spartaco, Aldo e Armanda, além de netos, como aconteceu com Silvandira, que teria na nonna Emma uma verdadeira mãe.

Com resiliência, Emma venceu os tempos difíceis da chegada ao novo País, em 1911, aos 33 anos, primeiro morando na casa de parentes do marido, depois quase passando fome com o serviço insuficiente que Primo conseguia e a precária moradia dentro de um matadouro de bois na cidade de Bragança Paulista, tendo ainda breve temporada de moradia em Atibaia, até chegar ao sobradão da própria Bragança, onde a

vida melhorou na mesma medida em que havia muito trabalho, com ela fazendo pães em grandes quantidades e oferecendo pensão a viajantes nos quartos que sobravam.

Mas quando os filhos Remo e Spartaco decidiram apostar na então pequena Londrina, em 1937, Emma aceitou se mudar com eles para o lugar que só havia se tornado município três anos antes. Entrou para os registros históricos como uma das pioneiras da cidade, título que lhe cabe muito bem, porque são marcas dos pioneiros a coragem e o trabalho.

O nome dela está registrado em um dos totens do “Memorial do Pioneiro”, homenagem da Prefeitura de Londrina aos 3.500 homens e mulheres que chegaram ao município antes de 1940 e cujos nomes constam nos cadastros do Museu Histórico Padre Carlos Weiss, órgão suplementar da Universidade Estadual de Londrina (UEL).

Curiosamente, no monumento ao ar livre, ao lado da Concha Acústica, no centro histórico da cidade, o nome dela foi grafado com um m a menos e sem o sobrenome Ferrarese. Está assim na placa: “Ema Cimonetti”, ao lado do ano de chegada, 1937.

Conforme está registrado no Capítulo 6, a permanência de Emma em Londrina foi breve. Durou até 1938, quando ela, Primo, Armanda e Silvandira retornaram a São Paulo e foram morar no Bairro da Lapa, onde já moravam Yolanda e Mafalda, mostrando que se adaptava bem em qualquer lugar. Não era mulher de ficar reclamando. Só se queixava quando Primo se atrasava para as conversas que passaram a ter todos os dias, à tarde, já que resolveram viver cada um na casa de um dos filhos. Ela, com Mafalda; Primo com Yolanda.

Quando Primo morreu, em agosto de 1954, Emma sentiu a falta do companheiro de vida e passou a ser mais itinerante, morando um pouco



1937	ELZA GORGINE CASARIN	1938
1934	ELZA MARCHESINI	1935
1931	ELZA NETTA GORGINE	1935
1938	ELZA RAMOS	1936
1931	ELZA SCHMIDT	1934
1939	ELZA WOLFF JAKOWATZ	1929
1936	ELZA ZANCARLI	1935
1936	ELZEVIR MENEZES RIBEIRO	1938
1936	EMA CIMONETTA	1937
1932	EMA KRECHMER DUARTE	1939
1934	EMA SCHILLING	1930
1936	EMA SUSAN MARCELINO PERALTA	1936
1936	EMANUEL HANS GUNTER KUNTER	1936
1936	EMANUELLE SEYFRIED	1936
1933	EMERENCIANA WEIRA E. GESAR	1932
1934	EMIDIO DE SILVEIO	1937
1934	EMIDIO GUABELINI	1939

ELIARDO MALASION	1934	ELZA CESA	1938
ELENA DOS SANTOS GONCALVES	1937	ELZA CURY	1938
ELENIANO AL PEREIRA	1934	ELZA MARI	1938
ELIAS AIDES PEREIRA	1931	ELZA NETTA	1938
ELIAS ANTUNES	1938	ELZA RAN	1938
ELIAS MENDES	1933	ELZA SCHI	1938
ELIAS JOSE ABDALLA	1933	ELZA WOLF	1938
ELIAS LARA	1938	ELZA ZANI	1938
ELIAS TOSETTI	1938	ELIZAMA P	1938
ELIAS TOSETTI LARA	1938	EMIL SIMON	1938
ELIAS VEIRA GONCALVES	1932	EMIL REBE	1938
ELIAS ZUBER	1934	EMIL SCHIL	1938
ELISA JULIANA AGUIAR	1933	EMIL SASA	1938
ELISA MARIA DA SILVA PAIMES	1932	EMILIELE F	1938
ELISA TOLMINTI	1938	EMANUELE F	1938
ELIRO CASTRO SOUZA	1932	EMERENCI	1938
ELZA BORGHELLI	1934	EMILIO DE	1938
ELZA FERREZ TORREGILIA	1934	EMILIO GUABELINI	1938
ELZA MARZETTI TIBERTE	1931	EMIL GORDE LAMU	1938
ELZA SANTO	1931	EMIL JULLIS WILHELM SOU	1938
ELIZABETH FORI	1933	EMIL KISSER	1938
ELIZABETH ROSE LIRA	1938	EMILIA CATEARZI PAULI-NEVA	1938
ELIEN BRUYCH	1938	EMILIA GOMU MARJUS	1938
ELIEN VEIRA BONSOMES	1932	EMILIA DE JESUS	1938
ELIZABETH DE ALMEIDA BARROS	1938	EMILIA FILADA	1938
ELIENIA MARIA FERROSO	1938	EMILIA ZANATI PASSI	1938
ELIENIA DE ALMEIDA S. SIQUEIRA	1938	EMILIA TORCHETTI	1938
ELIENIA FABIAN	1938	EMILIA DA	1938
ELIENIA MASS	1934	EMILIA VENTINI	1938
ELISA ZANON	1938	EMILIA WAGENHEIMER	1938
ELISA BANDA ROCHA	1938	EMILIA WAGENHEIMER	1938
ELIZABETH DA SILVA CAROTO	1937	EMILIO BITTON	1938
ELISA ARELLO	1937	EMILIO BRUNSON	1938
ELISA BARBOSA RUIVANO	1938	EMILIO OLIVEI	1938
ELISA CALMON LIMA	1934	EMILIO GONSTANTINO	1938
ELISA CAROLAN NUNES	1938	EMILIO GUY	1938
ELISA DE CESA	1931	EMILIO MARO	1938
ELISA PEREK	1934	EMILIO MARIANOVI	1938
ELISA FILADE	1938	EMILIO RIBEIRO	1938
ELISA PRIGNIN PARIS	1938	EMILIO SEBEL	1938
ELISA FORTA BRUNSON	1937	EMILIO STRAUER	1938
ELIZABETH DA SILVA LEISSODE	1937	EMILIO TROPANO	1938
ELISA ANTONIA VEIGA	1938	EMILIO GONCALVES CARVALHO	1938
ELISA SOUZA BUENO	1938	EMILIO DE OLIVEIRA	1938
ELISA BETTINI ROBERTA	1937	EMILIO RAIMUNDO ALMEIDA	1938
		EMILIOBERT SOUZA	1938

Memorial do Pioneiro

com cada uma das filhas e com o filho Rômulo, todos estabelecidos na capital paulista.

“Ela tinha hábitos muito simples, sempre muito metódica. Tinha hora para acordar, tomar banho, dormir, rezar. Quando estava em casa, todas as tardes , às 18h, rezava o terço com uma vizinha, também italiana. Nessas ocasiões, falavam em italiano e recordavam os anos vividos na saudosa terrinha”, conta Maria Ângela. “Foi a nonna que nos ensinou a rezar, pregar botões, bordar e fazer tricô, hobby que manteve por toda vida”, complementa.

Também ficariam para a vida toda a máquina de costura Singer, um dos símbolos do trabalho de Emma, e as peças que ela tricou e ensinou a tricotar, assim como os ensinamentos de dedicação ao trabalho e à família.

Aos 85 anos de idade, em 13/06/1964, o rompimento de um aneurisma levou Emma ao hospital. Ela faleceu onze dias depois, em 24/06/1964. Foi tempo suficiente para Remo, Spartaco e Aldo, que moravam fora de São Paulo, chegarem para ver a mãe em seus últimos dias.

“A nossa nonna Emma nos legou a força a coragem e a delicadeza dos Trentinos”, finaliza Maria Ângela.

20. ENCONTROS

Como vimos no capítulo anterior, as pesquisas feitas em Cavarzere permitiram chegar ao ano de 1760, consolidando as raízes para a árvore genealógica dos Ferrarese.

No Brasil, os descendentes de Primo e Emma chegariam ao século 21 espalhados geograficamente pelos estados de São Paulo e Paraná, mas conectados pelos meios que a tecnologia proporciona, com telefone e internet.

Porém, o contato olho no olho, a conversa sem pressa e o calor dos abraços e dos apertos de mãos são insubstituíveis e serviram de motivos para impulsionar o 1º Encontro da Família Ferrarese, realizado em 7 de junho de 2008, um sábado, em uma agradável chácara, no alto de uma das montanhas da Serra da Cantareira, em Mairiporã, no interior paulista.

Maria Ângela e Roney, filhos de Armanda – a caçula dos oito filhos de Primo e Emma -, cuidaram da organização, ao lado de Silvandira, com convites sendo feitos por telefone, e-mail e até por carta.

No fim das contas, sucesso, reunindo 60 pessoas para um dia todo de conversas, recordações, alegria e transmissão aos mais novos da história da família.

Silvandira contou que Pedro, um de seus netos, filho de Marcos, havia se interessado por toda aquela história que começava na Itália e a entusiasmara para fazer parte da organização da festa e para escrever o texto que ficaria impresso em um marcador de páginas; resumindo a história da família e sendo embrião para este livro.

Três anos depois, em 2011, quando se completaram os 100 anos da chegada de Primo e Emma ao Brasil, nova festa, desta vez em Londrina, no dia 16 de abril, no sítio de Alderi. Ao lado de Eveti, ele organizou o encontro e apresentou a árvore genealógica completa da família. Está disponível na internet: www.familiaferraresi.com.br e/ou www.familiaferrarese.com.br

Compareceram em torno de 50 pessoas, principalmente o pessoal da região de Londrina. Mais uma vez, cenas bonitas, com gente de mais de oitenta anos narrando a história para crianças na faixa etária dos oito.

Teve bolo com velinhas de 100 anos e mais um marcador de livros com parte da história.

As duas festas também renderam boas fotos, uma delas mais um retrato de família, com muita gente, com a qual fechamos este projeto de fotos-memórias.

Em 1945, em seu livro “A Rosa do Povo”, Carlos Drummond de Andrade escreveu o poema “Retrato de Família”. Dele emprestamos uma estrofe para encerrar muito bem este nosso livro:

“A moldura deste retrato
em vão prende suas personagens.
Estão ali voluntariamente,
saberiam -se preciso- voar.”



Varal com fotos antigas



Silvandira e Alderi



Familiars de Armanda



Familiars de Spartaco



Familiars de Rômulo



Familiars de Remo



Familiars de Aldo



Dirce e Edson, filho de Iolanda



Edson, Roney, Maria Angela e Ulisses



Walter, Aldinho e Alderi

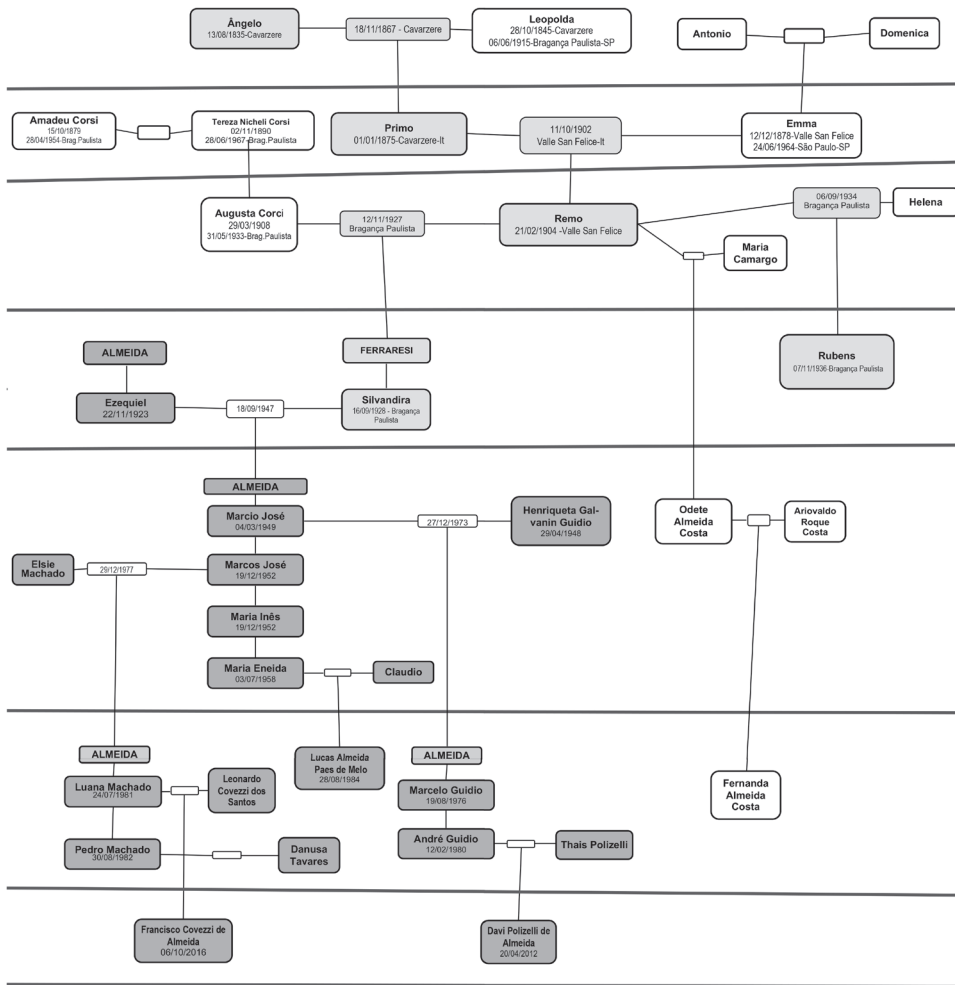


Maria Angela, Silvandira e Tia Mercedes

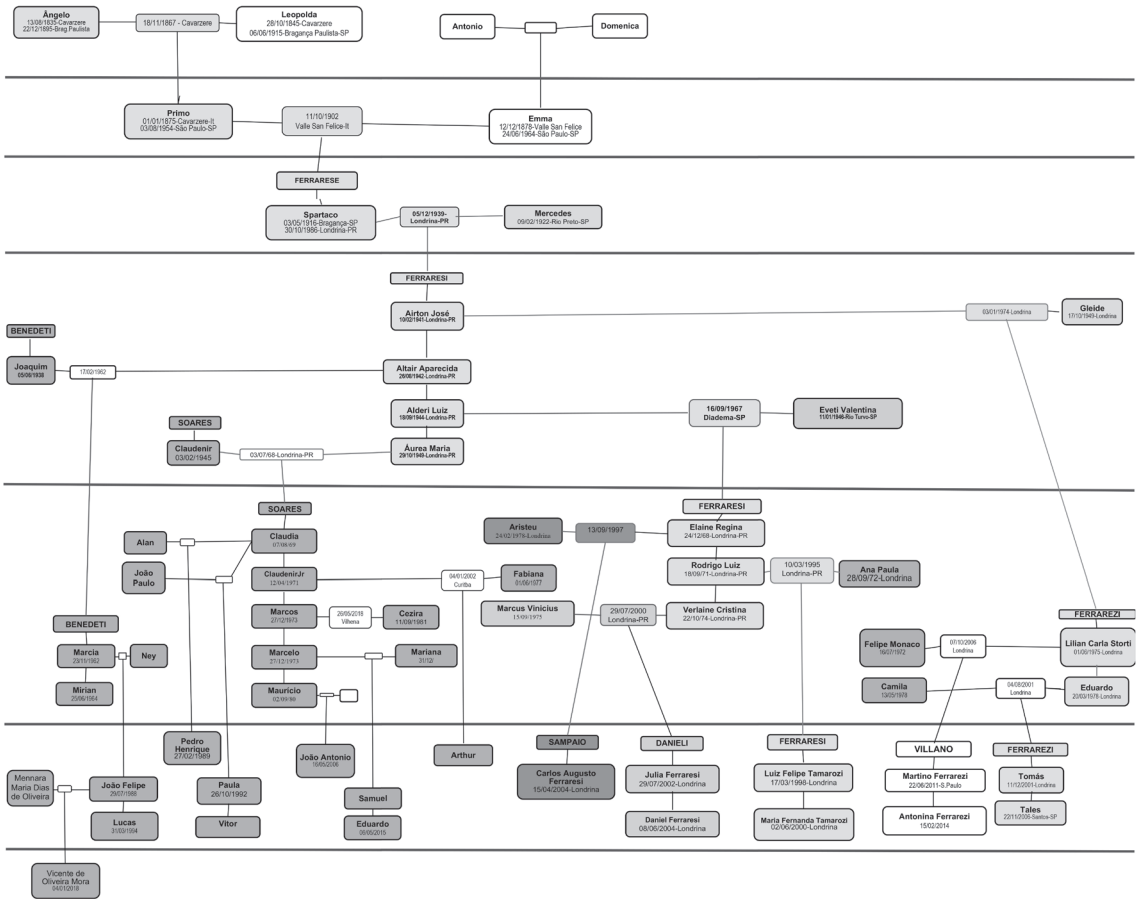


Eveti, Camila, Zorca, Zanoide e Neuria

ÁRVORE GENEALÓGICA DE REMO FERRARESI



ÁRVORE GENEALÓGICA DE SPARTACO FERRARESE



A árvore genealógica da Família Ferrarese completa
está disponível nos sites
www.familiaferraresi.com.br e www.familiaferrarese.com.br



Comemoração dos 100 Anos da chegada de Primo Ferrarese no Brasil -
2º Encontro da Família Ferrarese (16/04/2011)



Airton, Altair (Nenê), Alderi e Aurea



Netos do Alderi: Maria Fernanda, Julia, Carlos Augusto, Daniel e Luiz Felipe



Família do Airton: Airton, Gleide, Felipe, Lilian, Camila, Eduardo, Tomas e Tales



Claudenir, Marcos e Aurea



Marcia, Altair e Mirian



Maria Angela



Walter, Maria Angela, Áurea e Claudenir



Marcos, Elsie, Tia Mercedes e Luana



Marcos, Maria Inês, Pedro, Lucas, Silvandira, Marcio e Maria Eneida



Velia, Fabio, Ursula e Gianpaolo

P O S F Á C I O

Este livro é o resultado, tinta eternizada no papel, do que está guardado e vivo na memória de Silvandira Ferraresi de Almeida, de Alderi Ferraresi e de outros que contribuíram com relatos.

Somando-se à oralidade, os livros, revistas, jornais e, claro, as fotos, construímos um documento que resgata um pouco da história da imigração italiana, do início de Londrina e da expansão colonizadora do Norte do Paraná, chegando a Umuarama.

A história dos Ferrarese, particularmente de Primo e Emma e dos filhos deles, Remo e Spartaco, personagens que escolhemos para nos guiarem, é de simplicidade, trabalho e honestidade. São valores dos quais às vezes sentimos falta em nosso País.

Por isso, senti-me honrado e grato com a oportunidade de trabalhar neste projeto. Desde 2014, quando entrevistei Silvandira, como repórter, fiquei admirado pelo tanto que aquela senhora gostava da história de Londrina e dos esforços que fazia para ajudá-la a preservá-la.

Naquela ocasião, ela e mais três colegas do tempo de ginásio no Colégio Londrinense - Kilda Gimenez, Paulina Silveira e Francisco Moreno – estavam procurando o busto do doutor Jonas de Faria Castro, fundador do estabelecimento de ensino.

O vandalismo dera sumiço, em 2007, no monumento que homenageava doutor Jonas, morto em 1945. Silvandira e seus amigos não acharam o busto original, feito em 1953. Mas não deixaram por isso, puxaram uma vaquinha na Internet, arrecadaram dinheiro e encomendaram um novo.

No dia 12 de dezembro de 2014, dentro da programação de comemoração dos 80 anos de Londrina, o monumento foi instalado, a simbolizar o apreço pela história daqueles quatro alunos pioneiros.

Mais: dois anos antes da recuperação desse monumento histórico da cidade, ao lado de Kilda e Paulina, Silvandira montou uma verdadeira revista artesanal, reunindo documentos, jornais e relatos de seus colegas, resgatando a história do Ginásio Londrinense, sobretudo o período de 1941 a 1946.

Os cinco anos iniciais não estavam sendo considerados, talvez por desconhecimento, em materiais que contavam a saga da instituição, que cresceu muito depois de ser adquirida por um grupo de igrejas evangélicas, originando uma universidade, a UniFil, e tornando o Colégio Londrinense um dos melhores da cidade.

Com o trabalho dessas três senhoras, a história foi resgatada.

No livro “Mulheres de Londrina – Pilares de uma Cidade”, Maria Elena Bonsanino elegeu 33 mulheres -entre elas, Silvandira- que muito contribuíram com o município para terem seus exemplos de vida relatados. Excelente ideia. Isso está mudando, mas os fatos históricos costumam ser contados do ponto de vista masculino.

Depois daquela vez que a entrevistei, fiquei pensando que seria um privilégio um dia trabalhar ao lado de Silvandira. E isso acontece justamente agora, quando ela está completando 90 anos, com vitalidade de menina e a sabedoria de quem sabe amar a vida.

Sou muito grato.

O autor.



Alderi, Eveti, Verlaine, Elaine, Pedrina(mãe da Eveti) e Rodrigo (1982)



Rodrigo, Verlaine, Elaine, Eveti e Alderi (1990)



Elaine, Alderi, Eveti, Verlaine e Rodrigo (1994)



Eveti e Alderi (1997)



Alderi, Mercedes, Altair e Joaquim (1998)



Familia do Airton: Airton, Lilian, Eduardo e Gleide (2001)



Alderi, Altair, Silvandira, Mercedes, Esequiel, Aurea e Airton (2002)



Mercedes com toda a família (2002)



Mercedes com os filhos: Airton, Altair, Mercedes, Aurea e Alderi (2002)



Marcos, Aristeu, Daniel, Elaine, Eveti, Verlaine, Rodrigo, Julia, Luiz Felipe, Maria Fernanda, Carlos Ausuto, Alderi, Ana Paula (2012)



Airton, Gleide, Eveti e Alderi (2014)



Bodas de Ouro do Claudenir e Aurea: Junho, Marcos, Claudia, Claudenir, Aurea, Marcelo e Mauricio (2018)



Bodas de Ouro do Alderi e Eveti: toda família reunida (16/09/2017)



Marcos, Elsie, Maria Inês, Henriqueta, Marcio
Luana, Silvandira, Esequiel, Maria Eneida,
Marcelo, Pedro, André e Lucas



Maria Eduarda, Silvandira, Reny, Roney
e Maria Angela



Esequiel, Lucas, Marcelo, Silvandira, Luana,
André e Pedro



Silvandira, Esequiel, Maria Eneida, Marcio,
Henriqueta, Marcos, Elsie e Maria Inês



Silvandira e a família reunida



Almoço com Edson, filho de Iolanda e família



Jôse esposa de Aldo, filho de Aldo, com familiares. Junto Maria Angela, Marcio e Silvandira



Em visita a Walter, filho de Rômulo, setembro de 2017.
Walter, Ulisses, Lucia, Wa.ter Jr, Silvandira e Maria Angela



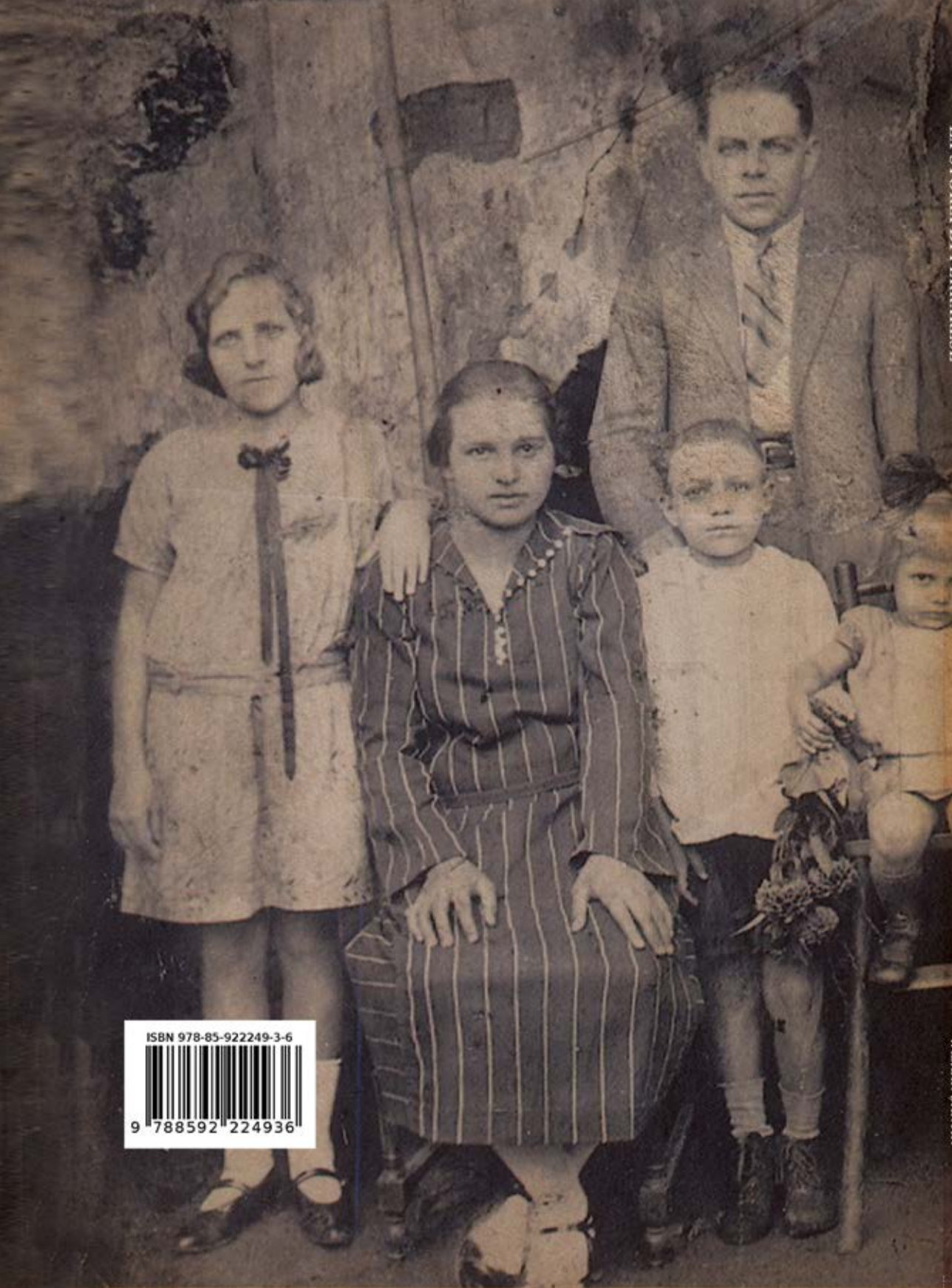
Romão



O mais novo integrante da família, Francisco, com sua mãe Luana, filha de Marcos e Elsie, nascido em 06 de outubro de 2016

B I B L I O G R A F I A

- Aginaldo Kupper e Paulo André Chenso – A edificação de uma história: do Ginásio Londrinense à UniFil, a trajetória histórica do IFL, Editora UniFil. Londrina, 2010.
- Alberto Gawryszewski (org.) – Patrimônio Histórico e Cultural – Cidade de Londrina (PR) – Universidade Estadual de Londrina. Londrina, 2011.
- Amélia Tozzetti Nogueira – De Norte a Norte: uma trajetória de “contadini”, edição do autor. Londrina, 2004.
- Anna Rosa Campagnano Bigazzi – Italianos: História e memória de uma comunidade, Companhia Editora Nacional, São Paulo, 2006.
- Christopher Duggan - História Concisa da Itália, Editora Edipro. Bauru, 2016.
- Domingos Pellegrini – O homem vermelho – Editora Leitura. Belo Horizonte, 2007.
- Humberto Puiggari Coutinho – Londrina 25 anos de sua história, Universal. Londrina, 1997
- Irineu Pozzobon – A epopeia do café no Paraná, Grafmarke. Londrina, 2006.
- Lília M. Schwarcz e Heloisa M. Starling – Brasil: uma biografia, Companhia das Letras. São Paulo, 2015.
- Lucas Mores – Desastres agrícolas na cafeicultura do Norte do Paraná: notas sobre a geada de 1975 – CIH/UEM, 2017. Disponível em <http://www.cih.uem.br/anais/2017/trabalhos/4146.pdf>
- Marcio José de Almeida – Educação médica e saúde: a mudança é possível, Associação Brasileira de Educação Médica (Abem). Rio de Janeiro, 2011.
- Marcio José de Almeida – A organização dos serviços de saúde em Londrina: Antigos e novos registros de uma experiência em processo, Inesco. Londrina, 2013.
- Maria Ângela Bandini e Silvandira Ferraresi de Almeida – Passeio a Vale San Felice I, Inesco. Londrina, 2014.
- Maria Elena Bonsanino – Mulheres de Londrina: pilares de uma cidade, Kan Editora. Londrina, 2017.
- Omeletino Benatto, Paulo César Boni e Rosana Reineri Unfried – Memórias Fotográficas: a fotografia e fragmentos da história de Londrina, Midiograf. Londrina, 2013.
- Richard Overy – A história da guerra em 100 batalhas: um panorama impactante dos grandes conflitos armados da humanidade, Publifolha. São Paulo, 2015.
- Widson Schwartz – Londrina 80 anos, Midiograf. Londrina, 2014.



ISBN 978-85-922249-3-6



9 788592 224936